

"A DEVOÇÃO À SENHORA DO ALMURTÃO"





”A DEVOÇÃO À SENHORA DO ALMURTÃO”

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

A Exposição: **A Devoção à Senhora do Almutão** que esteve patente ao público, de 31 de Março a 2 de Setembro de 2007, foi bem elucidativa da devoção, desde tempos remotos, das gentes das terras de Idanha-a-Nova à Mãe de Deus que nós, arraianos, invocamos com o nome de Nossa Senhora do Almutão, graças ao importante legado apresentado que é pertença da Confraria de Nossa Senhora do Almutão e ao generoso empréstimo de muitas e variadas peças de devotos que as guardam religiosamente em suas habitações.

Das inúmeras peças disponibilizadas, foi seleccionada uma mostra de mais de quatrocentas que foram expostas em duas amplas salas e no átrio do Centro Cultural Raiano.

Tal mostra incluía muitas das dádivas entregues por devotos à respectiva Confraria, por graças concedidas. Daí terem sido expostos os então vinte e sete mantos com a indicação dos ofertantes, as jóias, as peças em ouro e prata, bem como os ex-votos preservados que, sendo documentos históricos, registam de uma forma enternecedora a crença na Virgem do Almutão.

De todas as Exposições temporárias que vêm sendo realizadas no Centro Cultural Raiano, a mais visitada, até à data presente, foi na verdade, **A Devoção à Senhora**

do Almutão, iniciativa dos Mesários que constituíam a então Confraria de Nossa Senhora do Almutão, sendo Juiz da mesma, João Fernandes Antunes e que só foi possível levar a efeito, graças ao imprescindível e incondicional apoio da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, sendo então Presidente, Eng.º Álvaro Rocha. Segundo dados estatísticos em arquivo no Centro Cultural Raiano, esta Exposição, durante o tempo que esteve aberta ao público contou com 15 951 visitantes.

Quando se pretendeu dar corpo a um catálogo referente à mesma Exposição, estávamos no último trimestre do ano e os meios financeiros disponíveis já eram muito limitados. Daí que, a edição do citado catálogo fosse apenas de 500 exemplares que num ápice se esgotou. As solicitações para a sua reedição foram sendo muitas.

Chegou a hora em que os membros da actual Câmara Municipal, sendo o Eng.º Armindo Jacinto, Presidente, mandaram proceder à sua reedição. Aproveitámos o ensejo, na qualidade de Comissário da citada Exposição e de autor do Catálogo, para acrescentar uma outra interessante versão da Lenda da Senhora que, no início deste ano, nos foi contada. Incluímos ainda a actualização dos mantos e seus ofertantes, apresentando imagem também

do tecido do manto que vai ser oferecido, na próxima romaria a decorrer em 4 e 5 de Maio, bem como os nomes dos ofertantes em espera para os próximos anos. Isto só foi possível, graças à gentileza das actuais Secretárias da Mesa da Assembleia Geral da Confraria, Maria do Carmo Tavares Borges Lisboa e Maria de Jesus Carvalho Rolo Fernandes Tavares.

Aos vários poemas dedicados à Senhora do Almortão, juntámos um outro do então Ministro da Educação, José Augusto Seabra, que escrevera, após uma visita à Residência de Estudantes de Idanha-a-Nova, em 17 de Novembro de 1984, e ter ouvido, ao som do milenar adufe cantar quadras do Cancioneiro da Senhora do Almortão e também um da nossa autoria intitulado: “O Cruzeiro da Senhora do Almortão”. As imagens do anterior Catálogo passam a apresentar as respectivas legendas.

Embora, estejamos a viver num tempo marcado pelo fenómeno da descrença e do ateísmo, a Virgem do Almortão, a morar, num descampado, no Seu santuário campestre, continua a merecer não só a visita diária de devotos, mas também de milhares e milhares de romeiros vindos de todo o Portugal e até da vizinha Espanha, aquando da tradicional romaria celebrada em Sua honra, como se poderá constatar, num DVD, anexado, no interior da contracapa desta obra, relativo à Romaria em honra de

Senhora do Almortão de 2011, mandado executar pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. Este precioso documento fílmico de divulgação do realizador Fernando Santos com a nossa orientação e de Eddy Chambino, ao longo de todo o processo, é, na verdade, mais um contributo a atestar a devoção, na actualidade, à Senhora do Almortão.

[António Silveira Catana](#)

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO

A iniciativa desta Exposição intitulada: "A devoção à Senhora do Almortão" que coube à Confraria de Nossa Senhora do Almortão, contou com o apoio incondicional da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e tem como cenário acolhedor o magnífico espaço do Centro Cultural Raiano.

Em duas salas e zonas envolventes apresenta-se uma selecção de quase quatrocentas peças, incluindo quadros votivos com fotografias. É, na verdade, uma pequena parte do muito que nos chegou às mãos, mas que não podemos contemplar todas as lembranças entregues pela exiguidade do espaço disponível.

A presente Exposição, assim como o presente Catálogo, não pretendem esgotar a temática referente à devoção à Senhora do Almortão, que se assume como marca de identidade entre os naturais do

Concelho de Idanha-a-Nova. Pelo contrário pretendem revelar a todos os devotos e não só, o espólio amealhado pela Confraria, bem como apresentar uma pequena parcela do manancial de documentação e de objectos dispersos em casas de particulares que, em conjunto, merecem também uma aturada apreciação pela mostra apresentada, como memória histórica e devocional e uma reflexão sobre a importância de se poder vir a tornar realidade um atractivo núcleo museológico sobre a dita temática.

António Silveira Catana

"A DEVOÇÃO À SENHORA DO ALMURTÃO"



1. INTRODUÇÃO

- Senhora do Almortão,
Onde tendes a morada?
- Ao cimo da calçadinha
Numa casa caleada.

Muito temos escrito acerca desta morada sagrada, no ermo da campina de Idanha-a-Nova, que é porta aberta aos que saúdam e recorrem à Mãe do Salvador e do Redentor.

Há algo de mágico e de transcendente, na paz e no silêncio que rodeiam a morada da Virgem do Almortão. Os vestígios arqueológicos e epigráficos levam-nos a crer que, nas proximidades da casa caleada da Senhora do Almortão, existira um santuário pagão ainda antes de ser romanizado.

Ali bem perto, subindo ao sítio denominado o castelo, avistamos uma surpreendente paisagem ao redor do firmamento e, mais abaixo, na horta da Senhora, o velho balneário é a prova do valor terapêutico da água da fonte que continua jorrando mansamente. Desde os tempos mais remotos que um cortejo de gentes e culturas peregrinaram neste aprazível cenário das campanhas ou campina da Idanha.

Possivelmente, o culto à Virgem Maria, naquele local sagrado, remonta aos tempos da ocupação das terras

da Egitânia pelos Visigodos, onde estabeleceram sede episcopal, tendo sido a Imagem pequenina de pedra escondida durante a dominação árabe, por receio da sua profanação. Com a portuguesação do território, na densa névoa do tempo, conta a lenda que, nos terrenos das imediações da actual ermida da Senhora do Almortão, crescia, por toda a parte, um arbusto chamado murta.

Senhora do Almortão
Pequenina, moreninha,
Que acharam os pastores,
Feita numa bonequinha.

Havia, em Alcafozes, outros dizem, em Monsanto, um rapazinho que era pastor e que apascentava um rebanho na zona da actual ermida.

Um dia, andando o pastorzinho a vigiar o seu rebanho, encontrou, no meio de uma moita de murta, uma pequena e linda imagem de pedra que o encantara.

Ficara tão contente e emocionado que não se contivera, sem ir mostrá-la à mãe, levando-a, religiosamente, no sarrão (saco feito de pele de ovelha onde o pastor levava a merenda).

Ao chegar a casa, contara à mãe o que se passara e, quando ia para mostrar a "bonequinha", como lhe chamara, já não a encontrou. A imagem regressara de forma misteriosa ao mesmo local.

No dia seguinte, veio encontrá-la de novo, no meio da mesma moita de murta. Voltou a brincar com ela e de novo, voltou a colocá-la no sarrão para a mostrar à mãe. Mas, ao chegar a casa, não a encontrou. A cena repetiu-se várias vezes, até que a mãe e o rapazinho contaram a familiares e vizinhos. Todos os conhecedores do acontecimento concluíram que a linda "bonequinha" era a imagem da Virgem que denominaram de Senhora do Almurtão. Acordaram fazer uma capelinha no sítio onde o pastorzinho A havia encontrado.

Senhora do Almurtão,
Tem o sino de cortiça:
Para chamar os pastores
Para virem à missa.

Se esta versão da lenda apenas o crente a foi passando de geração em geração, tudo o mais da fé e da devoção milenar foi ficando indelevelmente guardado no arcaz da História.

Uma outra versão da Lenda da Senhora do Almurtão

Numa bela manhã de Sol do passado dia 9 de Janeiro, deslocámo-nos acompanhado do Ti José Martins Carvalho, para irmos a um sítio que denominara Água Murta onde se encontra uma fonte. Não havendo a certeza quanto ao estado do percurso, parámos o automóvel, aí a cerca de uns trezentos metros do início do caminho entre a ermida da Senhora do Almurtão e Alcafozes. Depois de termos cortado à esquerda, começámos a descer por um caminho que nos parecia transitável. Ao aproximarmo-nos do Ribeiro de Alcafozes, virámos à direita por um outro caminho onde bem perto surgiu a fonte que denominou das Murteiras.

Chegados à dita fonte, mirou-a e remirou-a pela frente e deteve-se algum tempo atrás, sem dizer a mais curta palavra, mas o encantamento de regressar ao local e as recordações que bailavam em catadupa na sua mente, estavam bem expressas, no sorriso cheio que inundava o seu rosto, lavrado de algumas rugazitas, próprias de quem conta já a bonita idade de 84 anos.

José Martins Carvalho: - Tinha dez anos, em 1939, quando comecei como pastor no Monte Trigo. Mas caí a vir com o meu pai, em 1943, aqui à Fonte, porque ele andava a ensinar o Ti João Garrido a fazer os queijos de ovelha. O meu pai, nessa altura já tinha feito 44



queijeiras de queijo de ovelha. Depois passou a fazer à cabreira com mistura de leite de cabra e de ovelha. Este prédio, a Malhada da Senhora, era nesse tempo do Sr. António Manzarra, que Deus o tenha no eterno descanso. Lembra-me bem de vir aqui, a esta fonte de mergulho, que tem quinze pias onde dantes o gado, vacas, cabras e ovelhas, vinha a beber água. Já viu que a água é ferrenha? Repare para a água de cor avermelhada que vai escorrendo pelas pias... Pegada à fonte, por detrás, havia uma grande murteira que apanhava um bom espaço. Sabe por que nunca me esqueci da murteira aqui? Porque, desde pequenino, tinha ouvido contar à minha avó Ascensão, que diziam os antigos, que num certo dia, neste sítio, um rapazinho que andava a guardar cabras viu, aqui no meio duma murteira, atrás desta fonte, uma santinha que parecia de marfim. Agarrou na santinha e guardou-a no *sarrão*. Chegou a casa e disse à mãe: **-Trago aqui uma santinha que encontrei, numa murteira ao pé duma**

fonte. Diz-lhe a mãe: - **Achaste?** Abriu o *sarrão* e a santinha não estava lá. E disse para a mãe: - **Ora esta, trazia aqui uma santinha tão bonita e já cá não está!** Ao outro dia, voltou com o gado para o mesmo sítio e viu que estava lá a santinha, no meio da murteira. Agarrou nela, tornou a metê-la lá dentro e atou a boca com uma verguinha dum ramo de giesta ou piorno que encontrou. E disse o rapazinho para si: - **Ontem fugiste, mas hoje já não foges porque vais atada.** Quando chegou a casa, disse para a mãe: - **Agora já a trago. Atei-a.** Depois, ao abrir, disse: - **Mãe, é impossível! Não está cá!** A mãe disse-lhe que era uma ilusão que trazia com ele. Respondeu o rapaz: - **Não, não é, mãe. Venha lá comigo. Há aqui um segredo qualquer.** E a mãe respondeu: - **Não é um segredo, é uma ilusão que trazes contigo.** E então, pediu por tudo à mãe para lá ir com ele. A mãe foi ao sítio e viu a santinha no meio da murteira e ficou sem fala. Depois, disse a mãe: - **Que santinha será esta? Não a vamos levar daqui.** Depressa o povo acorreu e, maravilhado, decidiu levantar a capelinha, mas como o sítio em que apareceu a santinha era baixo, o povo resolveu levantar uma capelinha, no sítio onde se encontra ainda hoje que se via ao longe de todo o lado. Passou, de seguida, o Ti Zé Martins Carvalho, dono de profunda sabedoria popular, a referir-se às virtudes da água da Fonte das Murteiras, desfiando algo do rosário das suas recordações familiares.

José Martins Carvalho: - A minha mãe andou com uma inflamação muito grande na vista, tinha eu uns 10 anos. Fartou-se, durante dois anos, de ir ao Sr. Dr. José Esteves, mas a pomada nada alimpava... Até que, um belo dia, quando a minha mãe vinha do Vale Cardoso onde meu pai era pastor, resolveu lavar as vistas com a água desta fonte. Bastou lavar as vistas, umas três ou quatro vezes e achou-se logo boa. Nunca mais teve nada nos olhos. E ainda outra: As minhas irmãs Maria Isabel da Silva, então com 18 anos e a Maria de S. João Fatela com 19 anos tiveram sarnica, uma doença na pele em que se coçavam de dia e de noite. Ainda ontem, falei nisso à nossa Maria de S. João quando a visitei, no Lar da nossa Vila. E ela confirmou que o que lhes valeu foi esta água da fonte das Murteiras. Vinham aqui a buscar bilhas de água para se lavarem e depressa ficaram boas. Foi a virtude desta água que as curou. Dizia a minha avó que a primeira quadra que aumentaram a Nossa Senhora do Almurtão, quando fizeram a capelinha, foi esta:

Senhora do Almurtão

Onde vos foram a por(i).

Nas campanhas da Idanha

Onde não há outra flor(i).

No Prefácio da 2ª edição do nosso livrinho, intitulado “A Romaria da Senhora do Almurtão – Ontem e na Viragem

do Milénio”, dado à estampa em 1995, referimo-nos a uma outra versão da lenda que se encontra no opúsculo editado pela Casa do Concelho de Idanha-a-Nova, aquando da visita da Imagem de Nossa Senhora do Almurtão a Lisboa, de 27 de Maio a 3 de Junho de 1961, em que se refere que “alguns homens atravessaram a campina pelo sítio de *Água Murta* quando, fixando os olhos numa moita distante, notaram que alguma coisa de estranho havia ali. Cheios de curiosidade, falando baixinho, aproximaram-se a largas passadas do local. Quando lá chegaram enorme foi a surpresa e a alegria que os dominou. Na sua frente, na moita, estava uma linda imagem da Virgem, em cujo rosto viram, já o Sol começava a espalhar a sua luz bendita sobre a Terra, pequenas gotas do rocio (orvalho) da madrugada. (...)”

Para além de ficarmos a saber mais esta versão relativamente à Lenda da Senhora do Almurtão e de ser uma das hipóteses da fonte das murteiras se encontrar no sítio de *Água Murta*, como nos referira o citado informante, importava proceder-se a um estudo aprofundado quanto às propriedades minero medicinais desta água da Fonte das Murteiras e da que nasce, na actual horta do ermitão, que abastecia, ali mesmo, o balneário em ruína, pois, pelos vistos, ambas eram consideradas águas de virtude.

Na verdade, à casa caleada, nas campanhas da Idanha, no coração da raia, desde há tantos séculos, as gentes arraianas da região acorrem, implorando a protecção da

Senhora do Almortão, perpetuando, certamente, como atrás referimos, um culto pré-cristão, de adoração aos deuses milenares dos seus antepassados.

Tal como afirma o abade do Baçal, Francisco Manuel Alves, in, *Bragança Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Tomo IX, a páginas 315: «A Igreja não só cristianizou os *loca sacra* com capelazinhas e cruzeiros, mas também aproveitou habilmente a devoção pagã, canalizando-a no sentido cristão.»

Ao certo, apenas sabemos que o topónimo Almortão parece ser de origem árabe e que, no foral dado a Idanha-a-Velha, por D. Sancho II, no ano de 1249, há precisamente 765 anos, a caminho de oito séculos, ao demarcar os limites da Egítânea, já se mencionara "ad Sanctam Mariam Almortom". Daí que, documentalmente, podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o culto a Nossa Senhora do Almortão vem desde o Século XIII.

Na Revista "Raia", nº 3, publicada, em 1998, respigámos de um apontamento da autoria do conceituado investigador Manuel da Silva Castelo Branco, intitulado: "O Tombo mais antigo com os bens da Ordem de Cristo em Idanha-a-Nova e no seu termo (1505)" que o Tombo da Comenda da Ordem de Cristo da Vila de Idanha-a-Nova, datado de 12 de Novembro de 1505, elaborado por Frei Francisco, capelão de D. Manuel I, refere, em grafia actualizada; (...) "até ao caminho que vai para Santa Maria

do Almortão, onde numa pedra parda redonda está uma cruz."

A Cruz que hoje encontramos a caminho da Ermida está colocada sobre uma coluna de fuste liso, assente numa base de planta redonda com quatro degraus.

Será essa precisa cruz, o actual e artístico cruzeiro, todo de formas cilíndricas que assenta numa base redonda? A ser essa mesma cruz, maravilha das maravilhas, foi construída há mais de quinhentos anos...

A ser essa a cruz, a mesma foi cenário de sucessivas gerações de ranchos de romeiros, eivados de alegria são, fortes e resistentes, calejados pelo labor diário do nascer ao Sol-pôr, em espírito de festa, que faziam da caminhada para a romaria um divertimento onde, natural e espontaneamente, ao som do milenar adufe, cantavam as mais belas quadras do seu Cancioneiro. E à beira da dita Cruz – exemplar único na região – paravam para contemplarem a ermida e o terreiro e cantavam e dançavam, ao som dos adufes, esta quadra:

Senhora do Almortão,
Já cá vamos ao cruzeiro,
Vamos ver as alegrias
Que vão no vosso terreiro.

A Corografia do Padre António de Carvalho Costa, edição de 1708, refere, no II volume, a páginas 413, "**no campo**

de Idanha-a-Nova, a Nossa Senhora do Almortão, de muita romagem...".

Uma notícia escrita pelo Cura Domingos Nunes, datada de 1 de Março de 1738, de que mais à frente daremos conhecimento na íntegra, refere que tendo havido então uma enorme seca, tanto em Portugal como em Espanha, "(...) resolveu este povo de Idanha-a-Nova pela grande devoção de Nossa Senhora do Almortão fazer sua procissão com o Santo Cristo da Misericórdia à Casa da Senhora, e com a mesma devoção trazer o mesmo com sua Santíssima Mãe do Almortão, para esta Igreja (N^a. Sr^a. da Conceição da Vila de Idanha-a-Nova), o que com efeito fez no dia vinte e dois de Fevereiro de 1738, sábado, e, estando o vento quase norte e suão, no mesmo instante que a Santíssima Mãe Senhora Nossa saiu de sua Santa Casa, acompanhada do Santo Cristo e São José, virou o vento de baixo e sul, e recolhendo a dita procissão para esta Igreja, continuou o Povo com um Oitavário de Missa cantada e logo no segundo dia começou a chover com tanta abundância que correram os regatos e Rio Ponsul (...)"

Curiosamente, uma das quadras do Cancioneiro da Senhora do Almortão reza assim:



2. Cruzeiro no caminho da Ermida, década de 80

Senhora do Almutão
Mandai água que não chove;
Que se secam as searas
Morremos todos à fome.

No volume XVII do Dicionário Geográfico, na resposta dada pelo Pároco de então ao inquérito ordenado em 1758, ao referir-se à Senhora do Almutão, informa que no seu Santuário, havia três romagens certas: a oito de Setembro, a vinte e cinco de Março e dia dos Prazeres. Acrescenta ainda que, da vila de Monsanto, acorriam no Domingo de Pascoela e que as romagens incertas eram contínuas, sendo as mais frequentes desde a Páscoa até Outubro.

O documento do Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (1999), refere que **"os santuários são como pedras miliars que orientam o caminho dos filhos de Deus sobre a terra"**.

Ao compulsarmos o livro de receitas e despesas da dita Confraria, com início em 1854, entre outras despesas, refere a da festa de Nossa Senhora, Festa da Natividade, em oito de Setembro, na importância de 5.890 réis.

A partir do ano de 1863, menciona para além da festa de Nossa Senhora a 8 de Setembro, a Festa de N. Senhora, no Domingo de Pascoela e a da Festa de S. Romão, apresentando nesse ano, respectivamente, as despesas no valor de 7.920 réis, de 7.920 e de 6.720 réis. Mais à frente,

a partir de 1876, aparece também como despesa, em 25 de Março de cada ano, dia da Anunciação, esmolos aos pobres, no valor de 5.000 réis.

Aquando da apresentação de uma comunicação pela conceituada investigadora, Maria Adelaide Neto Salvado, intitulada **"Ventos e tempos da Beira raiana"**, numa das Jornadas integradas nas Comemorações dos Oitocentos Anos da Vila de Idanha-a-Nova, que tiveram lugar no Centro Cultural Raiano, referiu-se a um interessante artigo publicado, em 21 de Abril de 1866, no Jornal "Estrela da Beira", Ano II, nº 146, que merece menção pelas preciosas informações. Umas já em desuso, como o povo ir buscar, em procissão, para a Vila, a imagem de Nossa Senhora, em tempos de muita seca ou de chuva abundante, acompanhado de crianças nuas da cintura para cima, as corridas com novilhos de ano e meio e dois anos e a oferta de requeijão aos romeiros, proveniente do ramo, outras mantêm-se, tais como a muita fé das gentes arraianas na Virgem, o costume do convívio em ambiente familiar, aquando do repartir das merendas em dia de romaria e o ramo dos borregos, após a recolha pelos mordomos, de propriedade em propriedade, oferta dos agricultores e pastores, bem como a presença dos vizinhos espanhóis. Passemos a transcrever o texto do articulista do acima referido Jornal:

"(...) como fica perto da raia, concorrem também muitos hespanhóis: e o ramo da Senhora compõem-se de cordeiros, requeijões, etc. É tal affluência de requeijão, que os mordomos dão requeijão a quasi todas as pessoas, que concorrem à romaria.

Quando porem esta romaria é celebre é no próximo domingo, porque reúnem-se alli as principais famílias de Idanha e povoações do concelho, que, divididas em ranchos, vão ali comer as suas merendas, e a rapasiada enthusiasmada costuma por essa ocasião ter correrias de novinhos de anno e meio, e dois annos que os proprietários põem à disposição.

Os habitantes de Idanha teem muita fé com a Senhora do Almotão, e quando precisam chuva ou sol, costumam fazer uma procissão de penitencia. Vão de Idanha buscar a Senhora, levando as crianças nuas da cintura para cima e até contam que nunca a procissão entrou Idanha sem que chovesse ou fizesse sol, conforme o que pedem."

A partir de 1904, por proposta do Juiz da Confraria, fora alterada a data da Romaria: **"sendo costume realizar-se a festa da Natividade de Nossa Senhora, no dia oito de Setembro de cada ano, dia que não é santificado, lhe parecia conveniente que para o futuro se fizesse a referida festa, no 2º Domingo do referido mês que, por este dia santificado, certamente será maior a con-**

corrência de fiéis."

A partir de 1922, a Romaria da Senhora do Almortão passara a realizar-se, quinze dias após a Páscoa.

Pelo Dec.º Nº 42924, publicado no nº 88 da I Série do Diário do Governo, de 15 de Abril de 1960, fora autorizada a Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, a considerar feriado municipal a terceira segunda-feira, seguinte ao Domingo de Páscoa, por ser dia da Romaria da Senhora do Almortão.

A situação das órfãs pobres fora, desde tempos recuados, merecedora da beneficência da Confraria e, daí, a quadra:

Senhora do Almortão,
Olhai para mim, olhai.
Sou filha duma viúva
Tenho mãe, não tenho pai.

As actas, desde 1895, referem o sorteio da verba de vinte mil réis para dote de uma órfã, pobre, honesta e recatada, cujo nome era tirado à sorte, por duas crianças menores. Numa das urnas, ficavam os nomes das órfãs e, na outra, igual número de papéis em branco, excepto um que continha a palavra dote. Os papéis eram lidos pelo Celebrante, no dia da Festividade e, posteriormente, colocado um edital, no alpendre, com o resultado do sorteio. As concorrentes órfãs teriam idades compreendidas entre os 16 e 21 anos e o dote só era entregue, quando casassem, desde

que observassem, até então, uma irrepreensível conduta. O prémio passara a 40 escudos, em 1922, e, em 1938, a 150 escudos.

Este santuário campestre mariano foi local sagrado de peregrinação desde tempos remotos, dos que iam a caminho de Santiago de Compostela. Na Vila de Idanha-a-Nova, desde tempos medievais, existira uma Albergaria que deveria denominar-se de S. Lourenço, que entre outras funções era a de acolher os peregrinos.

E ainda hoje, quando o Sol aperta e queima, os que costumamos peregrinar a pé até ao santuário campestre de Nossa Senhora do Almortão, ao descansarmos num dos bancos corridos, na frescura e no silêncio do lugar, longe do rodopio da vida de mil e um afazeres, apetece sentirmo-nos peregrino doutros séculos longínquos e contemplar a Senhora, saboreando a paz e a calma que nos transmite uma vetusta quadra do seu Cancioneiro:

Senhora do Almortão
Eu queria merendar,
À sombra do vosso rosto
E aos pés do vosso altar.

É um dos santuários marianos mais emblemáticos e populares da Raia pela sua romaria e pela visita diária de

romeiros. Daí que o povo raiano acode ao dito santuário campestre, nas suas alegrias e nas suas tribulações, sempre com uma Fé sem limite e contagiante. Não há raiano que se preze, more nas redondezas ou ausente em longínquas paragens, que não traga na sua carteira uma pequena estampa com a imagem da Senhora do Almortão que sua mãe lhe entregou com tamanha devoção.

O enlevo com que a Senhora é venerada pelas gentes arraianas das terras das Idanhas e não só, está bem realçado nesta quadra:

Senhora do Almortão,
Para lá vou eu agora.
Meu coração cada dia
Minha alma a toda a hora.

Em tempos em que em Lisboa e arredores, moravam cerca de 12.000 arraianos, oriundos do Concelho de Idanha-a-Nova, e os recursos económicos da maioria dos desenraizados eram parcos, teve lugar de 28 de Maio a 3 de Junho de 1961, a visita de Nossa Senhora do Almortão ao Santuário de Fátima e a Lisboa e da qual, mais à frente, daremos o devido relevo. A iniciativa partiu dos Corpos Sociais da Casa do Concelho de Idanha-a-Nova, sedeadada ainda hoje, na Avenida da Liberdade, no coração de Lisboa.

Não temos conhecimento de que outra Imagem de qualquer ponto do País tenha peregrinado à semelhança de Nossa Senhora do Almurtão até Fátima e Lisboa.

Este encantamento e esta forte devoção à Virgem continuam a contribuir para que muitos dos que emigram para os mais díspares Países, à procura de ganhar com o suor do rosto, o pão de cada dia para si e para os seus, não partam sem se irem despedir da mesma, na Sua humilde, mas acolhedora morada e quando regressam, com o coração e alma semeadas de saudades, de aflições, de lágrimas, de mágoas, de alegrias, de esperanças, antes de entrarem em suas casas, A visitam para testemunhar com fervor as graças que Deus lhes concedera por Sua intercessão, cumprido o sonho de regresso com bem, à abençoada terra que se deixou para trás e à qual não se tinha a certeza de regressar.

A actual e pequena ermida, de linhas harmoniosas, é apenas um ínfimo sinal da enorme devoção que o povo raiano dedica à Senhora. É uma construção do séc. XVII, com sacristia, capela-mor e nave única. Sobre a porta principal, assenta um gracioso alpendre que data de 1813, e é embelezado com três arcos de volta inteira, de pedra de granito. A capela-mor e o altar são revestidos de preciosos azulejos, padrão de camélias, do Séc. XVII. No altar-mor, da mesma época, está centrado um camarim envidraçado que acolhe a Mãe e o Deus Menino. A separar a capela-mor da nave, podemos observar um robusto e

bonito gradeamento de ferro forjado. Na nave, o artístico púlpito, decorado com baixos-relevos geométricos e com elementos vegetalistas estilizados, encanta todos os que o admiram.

Nos finais dos anos sessenta, o património artístico foi descurado, ao terem sido retirados os altares de Santa Bárbara e de São Romão e o coro alto, bem como ao ter sido destruída a escadaria de pedra e o balcão exteriores que ligavam ao mesmo.

No presente ano, para contentamento de todos aqueles cujos sentimentos religiosos desejam a dignificação daquele lugar sagrado da Mãe de Deus, foi colocado novo telhado, executada nova pintura, excepto na capela-mor, foi colocado um novo coro alto e reposta a escadaria e balcão exteriores, graças ao empenhamento dos Mesários da Confraria, ao reputado Arquitecto José Conceição e ao apoio financeiro da Câmara Municipal e dos Fundos Comunitários. Esperemos que, logo que possível, que as Imagens de Santa Bárbara, trajada à romana, e de S. Romão, ambas do século XVII, deixem de ser sustentadas por uma peanha de reduzidas dimensões, após execução dos respectivos altares, para um maior horizonte de fidelidade e dignidade da acolhedora e sagrada sala de visitas de todos os idanhenses, a ermida, que testemunha a Fé ardente dos nossos antepassados, séculos atrás de séculos, invocando Nossa Senhora e os Santos da Sua companhia.

A actual imagem da Senhora do Almortão do séc. XVIII, bem diferente da primitiva, é de roca, é uma imagem de vestir, uma formosíssima Imagem da Virgem, de singular beleza, que actualmente é vestida com delicada arte, mil e um carinhos e afeição filial pela D. Maria da Conceição Sousa Silveira, coadjuvada por D. Antónia da Ressurreição Morais Vinagre Capelo e D. Alice de Jesus Barreira Ribeiro Mateus. Uma artística e preciosa coroa de prata de Rainha do Céu e da Terra cinge a cabeça, coberta por uma cuidada cabeleira, sobressaindo um magnífico pendente em ouro e pedras preciosas que lhe beija a testa. Em dia de romaria, pende-Lhe do elegante pescoço, seguro numa fita de cetim, um encantador adereço de jóias compósito, de minas novas que foi oferta dos pais de Jerónimo Trigueiros de Aragão Martel da Costa, 1º Conde de Idanha-a-Nova que nasceu a 17-07-1825. Nas ternas mãos, segura calma e tranquilamente o Seu Menino muito amado e oferece-no-Lo, sempre que A contemplamos, como caminho para a nossa salvação eterna. O Menino Deus sustenta nos seus dedinhos arqueados da mão esquerda a esfera do Mundo de um azul celeste e sobre ela a Cruz de madeira, bem



3. Coroa de Nossa Senhora do Almortão
Prata cinzelada, com imposição, na parte inferior, de um firmal ou adereço de peito, de desenho barroco, em ouro cinzelado e pedraria (séc. XVIII)



proporcionada, e a sua mão direita está em atitude de benzer. Tanto o rosto da Senhora como o do Menino desprendem e irradiam uma serenidade e uma paz contagiantes.

Não há Senhora mais linda
Do que é a do Almortão,
Tem o seu amado Filho
Ao lado do coração.

4. Sra. do Almortão no andor, à entrada da Capela Mor, antes da partida para Lisboa e Fátima, 1961

5. Flores de romaria (instalação),
Exposição A Devoção à Senhora do Almortão, CCR, 2007



2. A EXPOSIÇÃO [2007]

O Juiz da Confraria de Nossa Senhora do Almurtão, João Fernandes Antunes, num belo dia, após a Romaria de 2006, ao saudarmo-nos, num encontro do quotidiano, pediu-nos uns breves minutos para conversarmos. Aproveitou a oportunidade, para nos informar que, no habitual almoço de 3ª. Feira da Romaria, sugerira a realização de uma Exposição referente à Senhora do Almurtão, no Centro Cultural Raiano, e que todos os presentes haviam aplaudido a ideia, incluindo o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Eng.º. Álvaro Rocha, que estava presente. Após ter amadurecido a ideia, achava por bem que seríamos nós a pessoa indicada para Comissário da mesma, dada a investigação que, desde há muito, vimos realizando e, tendo em conta o nosso perfil, seríamos a pessoa indicada para unir e sensibilizar os devotos de Nossa Senhora, de modo a que aderissem à iniciativa, emprestando para a dita Exposição recordações que tivessem guardado religiosamente alusivas à devoção à Virgem do Almurtão. Acrescentou ainda que era altura de se expor o ouro na posse da Confraria, para acabar com especulações despropositadas, bem como do espólio existente o que se achasse digno de merecer a atenção dos visitantes. De bom grado aceitámos o desafio, convictos de que iríamos ter sucesso. A Mãe de Deus e o nosso padrinho espiritual, Santo António, abençoariam o

insano trabalho que seria cometido a toda a equipa que se viesse a constituir. A primeira reunião teve lugar, em 17 de Novembro de 2006, no Gabinete do Sr. Presidente da Câmara, estando presentes para além do Presidente, Eng.º. Álvaro Rocha e do Vereador da Cultura, Eng.º. Armindo Jacinto, a Mesa da Confraria e o Comissário proposto. A bola de neve estava lançada...

Constituída a Equipa dias depois, havia que conhecer o espólio na posse da Confraria e apelar aos devotos, através do Reitor da Confraria, Sr. Pe. Adelino Américo Lourenço, e dos jornais "Reconquista" e "Raiano". Assim, logo no primeiro apelo publicado, na qualidade de Comissário, referíamos:

"Para que a Exposição não seja apenas dos mantos mais significativos, dos objectos de valor e dos ex-Votos em quadros e em cera, pertença da Confraria, a mesma lança o apelo a todos os devotos, para que colaborem, emprestando outros testemunhos de devoção que possuam relativos à Senhora do Almurtão, tais como: imagens de madeira, de louça, ou noutro tipo de material, aguarelas, pinturas a óleo, livros, recortes de jornais, poemas, louças, azulejos, documentos diversos, postais, calendários, relógios de açúcar, programas da romaria, estampas, gravuras, medalhas diversas, porta-chaves, fotografias antigas, flores de romaria, lembranças da ida da Imagem da

Senhora do Almortão a Fátima e Lisboa em 1962 e muitos outros."

Num outro apelo, publicado tempos depois, anunciávamos:

As muitas manifestações de congratulação pela realização da Exposição que continuam chegando à Confraria de Nossa Senhora do Almortão e a entrega de inúmeras e variadas lembranças para serem expostas, a juntar às da Confraria, sobre a temática da devoção mariana popular, permitem-nos prever uma significativa afluência de visitantes à mesma. Assim o esperamos. "

Tudo foi estudado ao mínimo pormenor, antes de se iniciar a montagem da Exposição. Depois de assentarmos que uma das salas seria pintada da cor do verde da folha da murta e a outra da cor do fruto da mesma planta, tipo das mirtáceas, com folhagem sempre verde, os responsáveis pela Museografia, Dr. Paulo Longo e Arquitecta Joana Rossa, após aturada selecção, decidiram, com a nossa total anuência, sobre as tonalidades para a pintura das paredes de ambas as salas.

Chegado o aprazado dia da inauguração da mesma, 31 de Março, foi a surpresa das surpresas, os inúmeros visitantes, de todas as categorias sociais, aguardavam impacientes o momento da abertura da mesma.

O Juiz da Confraria, depois de referir que, **"por tudo o que Nossa Senhora representa para nós Idanhenses, só temos a ganhar se A dermos a conhecer em toda a sua plenitude"** e de **"agradecer à Câmara Municipal, na pessoa do seu Presidente, toda a colaboração prestada, quer na organização desta Exposição, quer no apoio da organização da romaria que têm sido inexcedíveis"**, terminou **"agradecendo uma vez mais a todos, a vossa presença neste acto inaugural da Exposição em honra de Nossa Senhora do Almortão e a todas as pessoas anónimas que colaboraram directa e indirectamente na sua organização e especialmente aqueles que colaboraram com peças, documentos, fotografias e outro material que tornou possível esta Exposição, a todos o nosso bem hajam."**

O Pároco e Reitor da Confraria de Nossa Senhora do Almortão começou por saudar todos os presentes e passou a referir que esta iniciativa já havia sido alvitada anteriormente, mas estava feliz por se ter concretizado com a dignidade que pode ser observada e com a colaboração de muitos devotos. E rematou: – Só quem vive, de perto, como eu, há 34 anos, com os Idanhenses, pode apreciar a sua especial devoção à Mãe do Céu. Estamos todos de parabéns.

O Sr. Presidente da Câmara, Engº Álvaro Rocha, congratulou-se com a realização da Exposição e afirmou que estava convicto, dada a mensagem que a mesma encerra

e graças ao empenhamento de todos os que contribuíram para que a mesma se tornasse uma realidade, que seria um sucesso garantido.

Dias depois, ao cruzarmo-nos no Largo do Valverde com o idanhense de gema, Joaquim Pereira Inácio, de 69 anos de idade, residente em Coimbra, perguntámos-lhe se já tinha visitado a Exposição dedicada à Senhora do Almurtão, patente no Centro Cultural Raiano.

A resposta, como é seu timbre, foi instantânea:

- Cheguei ainda há poucas horas, mas aqueles que ouvi, informaram-me que é um sonho.

A afluência de visitantes, em especial nos dias assinalados da Semana Santa e Páscoa, excedera todas as expectativas. Não há turista que visite o nosso Concelho e que tenha conhecimento da Exposição que não se desloque ao Centro Cultural. Até vimos táxis, vindos das freguesias do nosso Concelho, parando junto do mesmo, com pessoas na maioria idosas, que não querem perder a oportunidade de visitar a mencionada Exposição.

Segundo os dados estatísticos do C.C.R., por informação do Dr. Paulo Longo, soubemos que a Exposição havia sido observada, durante o mês de Abril, por 4498 visitantes. É considerada a Exposição que atraiu, maior número de visitantes, desde o ano de abertura do Centro Cultural Raiano. Num dos painéis explicativos da Exposição que denominámos "A devoção a Nossa Senhora do Almurtão", registámos:

Nas asas do silêncio do olhar, embalado pela amenidade dos espaços, caro visitante, caminhe contemplando os diferentes modos de sentir, pessoal e comunitário, a milenar devoção à Mãe de Deus que as gentes arraianas das terras das Idanhas invocam com o nome de Nossa Senhora do Almurtão, na pureza da sua encantadora e sedutora Imagem, vestida com arte e mil e um carinhos, e que continua a contagiar os milhares e milhares deromeiros que marcam presença, em cada Romaria.

6. Sala verde (panorâmica),

Exposição A Devoção à Senhora do Almurtão, CCR, 2007



SALA VERDE

OBJECTOS EM VITRINE

VITRINE 1

Oratório portátil. Tríptico com pagela de N. Sra. Almurtão ao centro e figuração de Sta. Bárbara e S. Romão, no interior das abas laterais.
Folha de flandres pintada.
Início do séc. XX

Bolsa do Tesoureiro para recolha das importâncias do aluguer dos telheiros e terrado.
Cabedal preto e tachas metálicas formando as iniciais de S(enhora) A(lmurtão).
Executada por Nuno Vinagre, em 1974

Livro dos Estatutos da Confraria da Sra. do Almurtão

Livro das Actas da Confraria da Sra. do Almurtão

Livro da Matrícula dos Irmãos da Confraria da Sra. do Almurtão

VITRINE 2

Registo (ex-voto) triangular
Cartão, vidro e passamanaria

Registo (ex-voto) em tríptico, com indicação da graça concedida no verso.
Madeira pintada.

Registo (ex-voto) octogonal
Cartão, vidro, passamanaria e flores artificiais

Ex-voto representando braço
Madeira pintada

Ex-votos representando a figura humana e várias partes do corpo (cabeça, seios, mãos, antebraço, perna, pé, intestinos, bexiga, fígado, vértebra, coração, pulmão, rim)
Cera com dimensões variáveis

VITRINE 3

Relógios de açúcar

Pequena pagela votiva com moldura de açúcar colorido e fio de algodão para suspensão ao pescoço.

Coleiras de pinhões

Pinhões com casca enfiados em fio de algodão, para suspender ao pescoço.

Galhardete de N. Sra. Almutão

Impressão a cor sobre tela plástica
Utilização frequente nos carros, pendurados no espelho retrovisor

Galhardete de N. Sra. Almutão

Impressão a cor sobre tecido, 1975

Adufe comemorativo

Pele de ovelha cosida sobre armação de madeira, com elementos em tecido e serigrafia

Flores de romaria

Arame, papel e penas coloridas. Década de 1960.
Adereço utilizado na lapela | chapéu pelos romeiros

Pin em caixa

Esmalte sobre metal
Adereço utilizado na lapela

Pins avulso

Esmalte e acrílico sobre metal
Adereço utilizado na lapela

Porta chave

Bronze

Adufe comemorativo da visita de N. Sra. Almutão a Lisboa (1961)

Pele de ovelha cosida sobre armação de madeira, com fotografia e texto aplicado sobre as faces

Caneca c/ figuração de N. Sra. Almutão (busto)
Faiança

Canecas c/ figuração N. Sra. Almutão (busto)
Estampagem sobre vidro

Copo c/ figuração N. Sra. Almutão (busto)
Estampagem sobre vidro

Caneca c/ figuração N. Sra. Almortão
Estampagem sobre vidro

Prato c/ figuração N. Sra. Almortão (busto)
Faiança

Prato c/ figuração N. Sra. Almortão (busto)
Faiança pintada a azul

Exemplar da 1ª edição de *Senhora do Almortão*, de
Firmino Crespo, 1963

**Exemplar da edição comemorativa da deslocação
da imagem de N. Sra. do Almortão a Lisboa**, 1961

Adufe recordação
Pele de ovelha cosida sobre armação de madeira, com
fotografia aplicada sobre uma das faces

Pequeno oratório portátil
Papel recortado com aplicação de foto do rosto de N.
Sra. Almortão

Terço (recordação de N. Sra. Almortão)
Plástico e metal branco, em caixa, c/ ref. à Confraria
de N. Sra. do Almortão

Pequeno prato c/ figuração do Ermida de N. Sra.
do Almortão
Faiança estampada

Azulejo de suspensão, com figurado de N. Sra. do
Almortão aposto
Faiança pintada



7. Ex-voto representando braço, madeira pintada, s/d

VITRINA 4

Registo octogonal

Cartão, vidro, tecido e passamanaria dourada

Ex-voto c/ foto e ref. à graça recebida

Montagem em moldura de prata

Registo rectangular

Cartão, vidro, tecido, passamanaria dourada e flores artificiais

Registo

Cartão, vidro, passamanaria

Registo

Cartão, vidro, tecido estofado, passamanaria e flores artificiais

Cálice e patena

Prata e prata dourada

Jarrão

Prata

Ex-voto

Pastel sobre cartão, com debrum de passamanaria em franja

Objectos na parede (impressão a verde escuro sobre transparente)

Ara a Igaedus

Desenho de D. Fernando de Almeida

17

Seda impressa, com passamanaria.

Confraria de N. Sra. Almurtão

Registo de devoção familiar, trata-se de uma das formas devocionais mais comuns à Sra. do Almurtão. Presença recorrente nas casas da região, assume-se como uma forte marca de identidade entre os naturais do concelho.

Foto N. Sra. Almurtão

Moldura estofada e pintada.

Pagela de N. Sra. Almurtão

Imp. Tipográfica em moldura.

Pagela de N. Sra. Almurtão
Imp. Tipográfica em moldura.

Pagela de N. Sra. Almurtão
Imp. Tipográfica em moldura.

Fotografia montada sobre madeira, com moldura de talha

Quadro votivo c/ pequena foto de N. Sra. Almurtão.

Tecido emoldurado, c/ bordado vegetalista a mis-sanga.

Outrora bastante comum, este género de representação incluía fotografias de membros da família, com o fim de invocar a protecção de N. Sra. do Almurtão sobre o agregado familiar.

Quadro votivo c/ imagens de N. Sra. do Almurtão, Sra. da Póvoa, fotos familiares e postais.
Montagem sobre cartão em moldura

Ermida de N. Sra. do Almurtão
Foto colorida com trabalho de montagem fotográfica, 1945

.Ermida de N. Sra. do Almurtão
Óleo sobre tela

Programa de Romaria, 1954
Impressão tipográfica sobre papel colorido

Programa de tourada promovida pela Confraria de N. Sra. de Almurtão
1971
Impressão a cores sobre papel

Adufes (votivas)

Pele de ovelha cosida sobre armação de madeira, com elementos em tecido e tintas diversas. Dimensões variáveis.

Expressão votiva dos romeiros a partir de um dos elementos mais característicos da região e intimamente ligado ao contexto festivo da Sra. do Almurtão, o adufê surge aqui como expressão votiva de um colectivo particular, relacionado com o meio académico local – uma turma de alunos da ESGIN – Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova, testemunho da vitalidade do culto à Sra do Almurtão e da sua capacidade de envolver grupos cujas referências ultrapassam o território de Idanha-a-Nova.

Prato

Barro almagrado e decorado a engobe branco, sob o vidrado. Meados séc. XX.

Peça executada no norte do país, por encomenda. Apresenta uma quadra votiva dedicada ao representante da família dos Condes de Idanha-a-Nova.

2.1.

A ara IGAEDVS da qual se encontra a reprodução de um desenho de D. Fernando de Almeida, refere-se a uma divindade, possivelmente lusitana e foi encontrada em 1950 num arraial, atrás da ermida de Nossa Senhora do Almurtão. Pode ler-se na mesma: "Igaedo / Caetro / nia / Vitalis(filia) / v(otum) l(ibens) a(nimo) p(ossuit)". Esta inscrição refere que Caetronia Vitalis dedicou o citado monumento ao Deus Igaedo.



8. Relógio de açúcar (Romaria de 2006)

2.2. O ORATÓRIO DO ERMITÃO

Entre outras, uma das peças, para nós a mais surpreendente, que está patente na Exposição, é um oratório ambulante de folha de flandres que tanto podia ser empunhado pelo ermitão como ser dependurado no pescoço do mesmo, sempre que ia pedir esmola, de arraial em arraial, ou de porta em porta, aos Sábados, na Vila de Idanha-a-Nova, para seu sustento e da sua família. O interessante oratório, identificativo de ermitão de Nossa Senhora do Almortão, é composto por um tríptico em que o corpo central apresenta uma das mais antigas estampas de Nossa Senhora do Almortão, em tamanho médio e uma outra menor, recortada e de forma oval, no canto inferior esquerdo, ambas resguardadas por um vidro, e nos elementos laterais que se abrem de par em par, apresenta num, a pintura de execução popular da Imagem de Santa Bárbara e no outro, a de São Romão, embora já muito sumidas, mas que melhoraram consideravelmente com a limpeza que efectuou a Dra. Ana Poças, Técnica do Serviço de Conservação e Restauro da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, a funcionar numa das dependências do Centro Cultural Raiano.

O último ermitão que ainda usou o oratório acima citado, segundo informação do Pároco e Reitor da Confraria, Sr. Pe. Adelino Américo Lourenço, foi o Ti Tomé Moita, casado com Deolinda Pereira que, em meados dos anos setenta, deixou de exercer as funções por motivos de falta de saúde.



9. Oratório do ermitão.

2.3. A IMAGEM DA SENHORA DO ALMURTÃO EM ESTAMPAS

Graças ao apelo lançado no "Raiano" e na "Reconquista", pela Mesa da Confraria de Nossa Senhora do Almortão, continuaram chegando pelo correio e outras em mão, preciosas evocações da devoção a Nossa Senhora do Almortão. Algumas são testemunhos escritos, fotografias ou de outro tipo, guardados religiosamente desde os tempos dos seus avós ou relativos a fotos antigas, em dias de Romaria ou ainda em dias da presença da Imagem de Nossa Senhora do Almortão, na Vila de Idanha-a-Nova, em Fátima e em Lisboa. Todos os tipos de testemunho estão carregados de um profundo sentimento religioso, de uma Fé inabalável e de um valor estimativo impressionante.

Quando entregavam pessoalmente ou na carta que enviavam os testemunhos de devoção a Nossa Senhora do Almortão, surgia sempre o pedido:

- Por favor, não percam este meu tesouro, não é o valor em dinheiro, mas a grande estima com que tenho guardado esta linda recordação.

De entre as lembranças da devoção à Senhora do Almortão já recebidas, embora todas sejam marcos assinaláveis de devoção, perdoem-nos aqueles que entregaram, destacarmos duas.



10. Senhora do Almortão, estampa, s/d

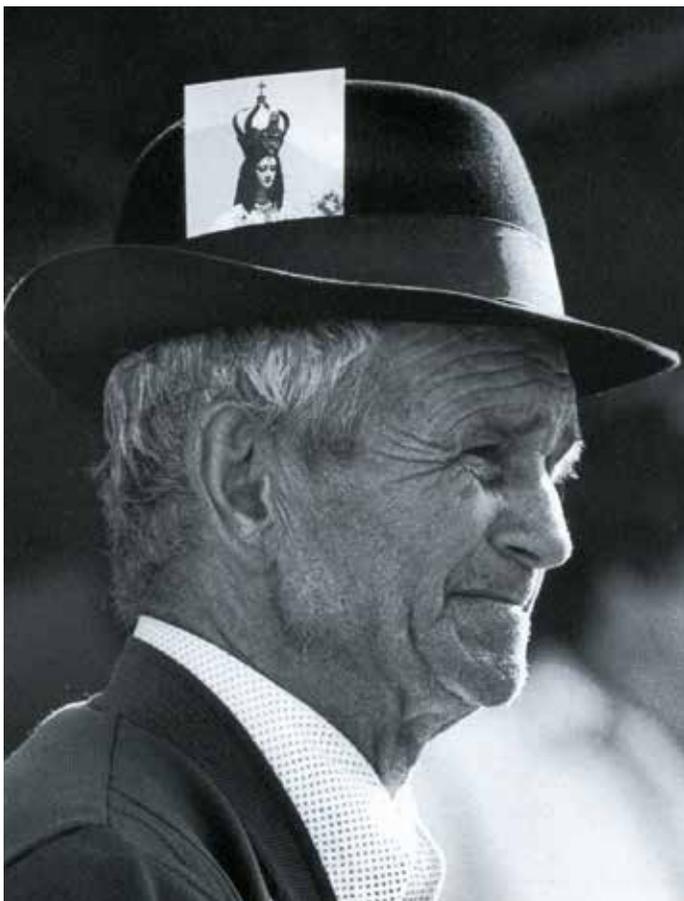


II. Senhora do Almortão, fotografia, finais séc. XIX

Uma, de Maria Augusta Morão, professora do 1º Ciclo aposentada, residente em Grândola, que juntamente com onze fotografias antigas em ambiente de Romaria e da Imagem de Nossa Senhora em Procissão na Vila de Idanha-a-Nova, acompanhou-as da seguinte mensagem:

"Ao ler no último "Raiano" e na "Reconquista" a reportagem sobre a futura Exposição: "A Devoção à Senhora do Almortão", à minha memória vieram mil lembranças, guardadas no meu coração há muitos, muitos anos.

De imediato tirei da minha carteira a imagem que acima se reproduz, que sempre me tem acompanhado e que me revela bem a devoção dos idanhenses à Senhora do Almortão. Como indica, no verso da imagem está escrito, pela mão do meu avô, Chico Beato: "Recebida em França nas trincheiras no ano de 1917". De facto, o meu avô, ainda jovem e solteiro, foi combatente na I Grande Guerra e esta imagem de Nossa Senhora foi-lhe enviada pela noiva, a minha avó Piedade Jóia. E, como muitos outros rapazes, sofreu as agruras das trincheiras, passando fome, frio, e, sobretudo, muitas saudades dos seus e da sua terra. Tomou parte no Batalhão de "La Lys", a 9 de Abril de 1917, onde foi gravemente ferido. A imagem de Nossa Senhora do Almortão estava junto ao seu coração e foi ela, contava-nos depois, que o salvou da morte.



12. Romeiro com pagela na fita do chapéu, 1997



13. Senhora do Almortão, postal, início séc. XX



14. Estampas e pagelas impressas

15. Senhora do Almurtão, postal (montagem fotográfica), início séc. XX

Voltou a Portugal e esteve vários meses no Hospital Militar de Lisboa até regressar à sua terra natal, Idanha-a-Nova.

Ficou de tal modo abalado da sua saúde que foi considerado "Inválido de Guerra". Mas nunca deixou que a sua devoção a Nossa Senhora do Almortão esmorecesse. Todas as semanas, ia, a pé, até à ermida de Nossa Senhora. E esta imagem acompanhou-o sempre até à morte. Ir-me-á acompanhar também a mim. Nossa Senhora do Almortão nos guarde e nos acompanhe."



16. Estampa impressa, s/d

Idanha-a-Nova

Grandiosos e tradicionais Festejos
EM HONRA DE
N. S.ª do Almotão e S. Romão
NOS DIAS 10, 11 E 12 DE ABRIL DE 1932.

No pitoresco e agradável local
da Ermida celebram-se os tradi-
cionaes Festejos à milagrosa VIRGEM
DO ALMOTÃO E S. ROMÃO, com
um brilho e programa atraentes.



DOMINGO, 10

1.ª 10 horas — São Emanuel e Virgem dos Escudos com música e dança.

2.ª 10 horas — Catecismo da Virgem do Almotão, com exposição de imagens da Capela e acompanhamento musical de harmonização e de coros.

3.ª 11 horas — Realização da primeira parte de um culto a Virgem do Almotão.

4.ª 12 horas — Grande Missa cantada, celebração com música sacra e S. Romão, seguida de Evangelho em latim e oração sagrada. A tarde, da mesma hora, a distribuição (com período de 10 a 12 horas) para as crianças pobres maiores, das 10 aos 21 anos, refeição com acompanhamento musical e dança que se encerram prosseguindo o culto.

5.ª 13 horas — Recitação e leitura autotransmissiva do rosário em português e inglês.

6.ª 14 horas — Concerto de cantos sacros e profanos e de diferentes grupos de cânticos.

7.ª 16 horas — Concerto polifónico de Música Idanhense.

8.ª 18 horas — Desfile com fogos artificiais e com a presença de entidades locais e regionais.

LEITIM MESSEIAS! ENTUSIASMO! ALEGRIA!

SEGUNDA-FEIRA, 11

1.ª 7 horas — Abertura e encerramento dos festejos anunciados por gongostas de foguetes.

2.ª 8 horas — Recitação e leitura pelas crianças do grupo de cânticos.

3.ª 11 horas — Realização da segunda parte de um culto a Virgem do Almotão, com música sacra e S. Romão, seguida de Evangelho em latim e oração sagrada. A tarde, da mesma hora, a distribuição (com período de 10 a 12 horas) para as crianças pobres maiores, das 10 aos 21 anos, refeição com acompanhamento musical e dança que se encerram prosseguindo o culto.

TERÇA-FEIRA, 12

1.ª 10 horas — Missa rezada e encerramento dos festejos, com a presença da Virgem do Almotão, prosseguindo o culto e o encerramento.

IMPORTANTE

PREVENIÇÃO DE INCENDIOS — Os que não são proprietários de casas e terrenos no termo da Idanha, deverão avisar os seus vizinhos e a Câmara Municipal de Idanha, para que sejam tomadas as devidas precauções.

Notas: — Durante o tempo dos festejos, haverá suspensão de comunicações telegráficas e telefónicas. Não se deverá fumar e usar fósforos.

2.4. A ROMARIA EM FOTOGRAFIAS

"As romarias! As romarias! Gratas recordações daquela gente do campo! As horas rápidas de gozo, que um só desses dias de festa lhes dá compensam-lhe de sobra as continuadas fadigas da vida tão trabalhada e penosa. Em torno à pequena ermida, onde cada ano afluem de tão longe essas piedosas peregrinações de devotos, parece esvoaçar de continuo uma turba de espíritos alados que nos segredam histórias de tantos amores, nascidos ali e ali santificados, junto ao altar onde as dádivas votivas se amontoam, a velar pelo seu destino e proporcionar-lhes o céu."

(Júlio Dinis – Serões na Província)

17. Programa de Romaria de 1932, impresso na Tipografia Christiano Pereira Barata, em Idanha-a-Nova

2.4.1. ABERTURA SOLENE DA ROMARIA COM A MISSA DE DOMINGO

É bem certo que as romarias de hoje, mesmo as mais genuínas, são uma pálida imagem das que nos pretende transmitir Júlio Dinis. Todavia, neste recanto raiano de Portugal onde mora a tranquilidade, onde se resolvem conflitos e se cimentam solidariedades de acordo com normas, passadas de geração em geração desde a bruma dos mistérios dos tempos, a romaria de Nossa Senhora do Almurtão conserva características que nos evocam levemente tempos e ambiências das descritas, nos "Serões da Província", editados em 1870, por Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que embora tenha usado, ao longo da sua vida, vários pseudónimos literários, todavia o que o celebrizou foi, na verdade, o de "Júlio Dinis".

A romaria de Nossa Senhora do Almurtão, considerada actualmente, a mais afamada da Beira Baixa, inicia-se no Domingo de manhã, com a Missa que costuma ser transmitida, radiofonicamente, a nível nacional. A esta, acorrem fiéis devotos da Vila da Idanha-a-Nova e das freguesias limítrofes. Durante a tarde, não param de chegar romeiros em autocarros vindos de paragens distantes.



18. Romeiros e carros no recinto da Ermida, década de 1940



19. Romeiros montados, década de 1930



20. Romeiros montados, com pagelas ao peito, defronte da Ermida, década de 1940



21. Romeiros junto à camioneta, década de 1950



22. Romeiros e carro, junto à Ermida, com adufe e pandeireta, década de 1950

2.4.2. O ARRAIAL

É certo que, à beira do recinto, abundam os feirantes, os carrosséis e os ensurdecadores vendedores da banha da cobra que se tornam, por vezes, incómodos. Mas, tudo vale a pena, no dizer de Fernando Pessoa, quando a alma dos romeiros se enche, na altura em que, ao cair da noite, os ranchos dos devotos das terras circunvizinhas, se aproximam da porta da Senhora, cantando as Alvíssaras, acompanhadas do toque do adufe, por mãos hábeis e leves como uma pena, embora carregadas de anos.

Senhora do Almutão,
À vossa porta cheguei.
Tantos anjos me acompanhem
Como de passadas dei.

No recinto, no artístico coreto, a Filarmónica Idanhense anima o arraial, até que aconteça o vistoso fogo de artifício, seguido do estrondoso fogo preso que ecoa ondeante, no manto de silêncio que envolve toda a campina.

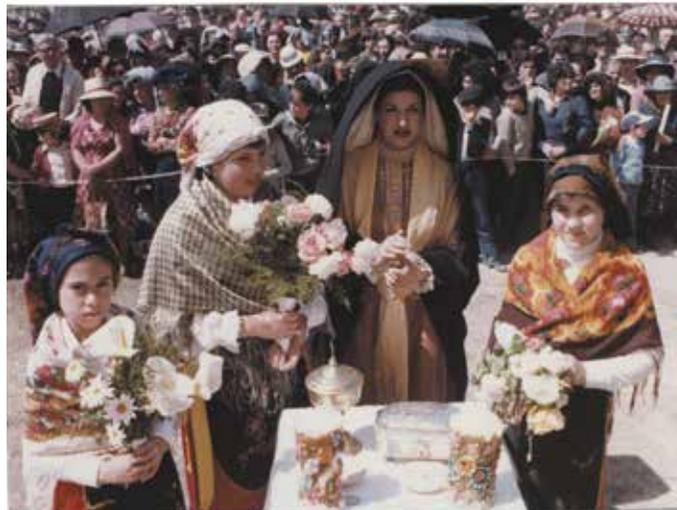
2.4.3. A MISSA CAMPAL E A PROCISSÃO

Na segunda-feira, dia do feriado concelhio, é o dia grande da Romaria. Em frente da ermida, no terreiro, um mar de gente aguarda a chegada da imagem de Nossa Senhora do Almutão, para se dar início à Missa campal, em que costumam concelebrar cerca de trinta sacerdotes, alguns da vizinha Espanha.



23. Missa em dia de romaria, com a presença do Bispo da Diocese de Portalegre e Castelo Branco, D. Augusto César, década de 1980

Graças à colaboração dos escuteiros, tudo está organizado: amplo espaço delimitado, para todos poderem participar na Eucaristia, acompanhamento dos sacerdotes no momento da Sagrada Comunhão de milhares e milhares de fiéis e até a serena entrada, na ermida, da Imagem da Virgem, aquando da comovente cerimónia do adeus à Virgem, no final da Procissão.



24. Ofertório durante a Missa, década de 1980



25. A, B, C - Procissão e D - *Volta* à capela, década de 1970



26. Procissão, década de 1960



2.4.5. AS MERENDAS

Após a Missa Campal e a Procissão, é o partilhar à sombra das azinheiras, das merendas, em que não faltam os ovos verdes, a torta de S. Romão, os panadinhos de galinha, os bolinhos de bacalhau, os borrachões e a prova do vinho do garrafão do vizinho do lado.

É o salutar convívio entre familiares e amigos, não deixando de por vezes, debaixo da mesma azinheira que é ponto de encontro de ano para ano, surgir um pé de dança ao som do milenar adufe, tocado por mãos hábeis de mulheres. A ligação da mulher ao toque do adufe remonta a tempos antiquíssimos. Sabemos que o adufe ou pandeiro, ainda hoje popular em zonas raianas de Portugal, sobretudo na Beira Baixa, foi conhecido nas civilizações da Mesopotâmia, do Egipto, da Grécia, de Roma e do mundo pré-islâmico, dado os testemunhos iconográficos que o apresentam em mãos de mulheres.

A atestar a antiguidade do uso do adufe se constata, no Antigo Testamento, pois, no Livro do Êxodo, ao narrar a Passagem do Mar Vermelho, por Moisés e o seu Povo, fugindo do Egipto, em que avançaram a pé enxuto pelo meio do mar, enquanto as águas formavam como que uma muralha à direita e à esquerda destes, precisamente, o versículo 20 do Capítulo XV, diz: "Maria, a profetisa, irmã de Aarão, tomou um adufe e todas as mulheres a seguiram, com as mesmas atitudes, cânticos e danças."



28. A e B - Merendas, década de 1960



29. Merendas, década de 1960



30. Merenda, década de 1950



Actualmente, em Portugal, o adufe ou pandeiro, apenas é tocado espontaneamente, sempre que se entoam quadras do Cancioneiro popular, em romarias do Concelho de Idanha-a-Nova, mormente na da Senhora do Almortão.

31. A e B - Convívio depois da merenda, década de 1960

2.4.6. A DESPEDIDA EM DIA DE ROMARIA

Os ranchos de romeiros das freguesias circunvizinhas não partem sem se despedir de Nossa Senhora, cantando ao som dos arcaicos adufes e ao ritmo do maravilhoso bombear do coração, as Alvéssaras à Virgem do Almortão, debaixo do gracioso alpendre, com o portal da ermida aberto de par em par, num sentir colectivo e espontâneo, espelhando a mais pura, ingénua, fervorosa e viva devoção em que o profano e o sagrado se entrelaçam, graças à prodigiosa inspiração poético-popular.

Senhora do Almortão,
Dai-me agora o desengano
S'inda cá hei-de voltar
Solteirinha par'ó ano.

Senhora do Almortão,
Vosso caminho tem trigo
Bem podíeis Vós, Senhora
Dá-lo de meias comigo.

Senhora do Almortão,
Bem me podeis perdoar(i),
Vim à Vossa Romaria
Só p'ra cantar e bailar(i).

Senhora do Almortão,
À vossa porta me assento,
Cansadinha do caminho,
Virgem, dai-me algum alento.

Senhora do Almortão
Aqui me tendes defronte,
Dai-me saúde Senhora,
Como d'água tem a fonte.

Senhora do Almortão
Dai volta ao arraial(i).
Romaria como a Vossa
Não a há em Portugal(i).

E já ao cair da tarde, quando no recinto quase se encontram apenas os idanhenses e os feirantes, a Filarmónica Idanhense, antes de partir, surge para louvar a Senhora, tocando em volta da ermida, o Hino da Senhora do Almortão, composto pelo saudoso Maestro Paiva Boléo e muitos dos presentes, contagiados pela bela e contagiante melodia tomam parte no cortejo nas inúmeras voltas, batendo palmas ao ritmo da mesma. A alegria, a festa nos corações e na alma dos que dão as voltas e dos



32. Procissão e campos ao redor da Ermida, década de 1950



33. Procissão, década de 1980

que assistem, expressa nos rostos, é como a última prece à Senhora, pedindo saúde para que na romaria seguinte voltem a estar presentes.

Neste mundo global, marcado pelo fenómeno da descrença e do ateísmo das instituições, o santuário campestre da Senhora do Almortão, um dos padrões da construção identitária, continua como lugar de desejo e ascensional, a merecer não só a visita diária de devotos, como atrás

referimos, mas também de milhares e milhares de romeiros vindos de todo o Portugal e até da vizinha Espanha, quinze dias após a Páscoa, aquando da tradicional Romaria celebrada em Sua honra, actualmente, a mais concorrida da Beira Baixa.

Cada romaria que passa é uma lição de vida e de fé. É dádiva de dons e de graças aos que de Si e do Seu Menino se abeiram, com fé e de coração lavado.



34. Cantando as Alvíssaras à porta da Ermida,
década de 1970

2.4.7 VISITA DA SENHORA DO ALMURTÃO A FÁTIMA E A LISBOA

Sabemos que a iniciativa da visita de Nossa Senhora do Almortão ao Santuário de Fátima e a Lisboa, que teve lugar de 28 de Maio a 3 de Junho de 1961, partiu dos Corpos Sociais da Casa do Concelho de Idanha-a-Nova, sediada ainda hoje, na Avenida da Liberdade em Lisboa, e que ao longo da sua história, muito tem contribuído para estreitar os laços entre os ausentes e as suas raízes. Uma das pessoas mais referidas como impulsionadora e dinamizadora da visita da Imagem a Lisboa e que era membro da Comissão Administrativa da citada Casa do Concelho foi o saudoso Sr. Raúl Pereira Miguel e sua estimada Esposa, D. Maria de Lurdes Manzarra.

Segundo informa o opúsculo ⁽¹⁾ que então se publicou, havia, nessa época, 12.000 naturais do Concelho, a residir em Lisboa. Dados os poucos recursos económicos da maioria, não era fácil a deslocação à distante terra natal, daí as solicitações da deslocação a Lisboa da encantadora Imagem da Mãe de Deus que, nós, arraianos invocamos com o nome de Senhora do Almortão. Já lá vão quarenta e seis anos que tal viagem aconteceu. Ocorreu precisamente, no Mês de Maio, a memorável cerimónia do Adeus!

(1) Nossa Senhora do Almortão – Recordação da Sua visita a Lisboa, Tip. Semedo, 1961, pp. 21



35. A saída de Idanha-a-Nova, 1961

Como o tempo corre veloz, meu Deus! Tínhamos nós, os dezoito anitos...

Lembra-nos o sobressalto que corria nos corações do povo idanhense. Não se falava noutra coisa, ao soalheiro, nos encontros de rua e até pelos campos. Mesmo os homens, sempre mais reservados e menos expansivos não estavam de acordo. Recorda-nos de ouvir clamar, na nossa taberna, sita então na Avenida Mouzinho de Albuquerque nº.16, mesmo aos que não eram amigos de ir à Missa:

- Os que foram para Lisboa que venham cá a matar saudades e a rezar. Tudo pode acontecer...Não devíamos deixar levar a Santa!

E a prova bem provada desta aflição que amargurava o coração do povo foi a clamorosa despedida na cerimónia do Adeus, ali mesmo no adro da Igreja Matriz. Despovoaram-se os campos. Uma enorme moldura humana de lenços brancos a acenar, empunhados por mulheres, homens, jovens e crianças, lágrimas a rolar nas faces de tantas e tantos e até mulheres mais afoitas tentaram segurar a carrinha aberta, lindamente ornamentada de flores, com a Imagem da Senhora do Almortão, quando se iniciara a caminhada do cortejo automóvel... Uma cena espantosa e indescritível...

O mais fiel retrato desses momentos de angústia que ainda hoje continua correndo mundo, na sonora e enternecedora voz de Frederico Vinagre, acompanhada à viola

e guitarra, são duas expressivas quadras de outro idanhense, José Pereira Alves, então com 30 anos de idade, e que rezam assim:

Senhora do Almortão
Tantos lenços a acenar.
Na hora da despedida
Vossos olhos vi chorar.

Também a Idanha chorou
Com todo o seu coração.
Com medo de vos perder
Ó Virgem do Almortão.

Estas quadras de um poeta popular, qual melhor fotógrafo da época, retratam o fundo da alma idanhense e são a expressão do milagroso encanto e profundo sentimento da crença na Mãe de Deus, com o bendito nome de Senhora do Almortão, que o povo da Vila certamente há oitocentos anos herdara dos seus antepassados e que, de geração em geração, continuam sendo transmitidos com pureza, tendo nós, os homens e as mulheres de hoje, o sagrado dever de os legar às gerações futuras.

Depois desta breve e realista introdução, vamos dar-vos conta, embora muito resumidamente, da visita da Imagem peregrina de Nossa Senhora do Almortão, não



36. Procissão em Lisboa (Campo de Ourique), 1961

só partindo do conteúdo do citado opúsculo, mas também dos jornais nacionais e regionais e de informantes residentes então em Lisboa.

27 DE MAIO

O primeiro momento a assinalar a visita a Fátima e a Lisboa iniciou-se, no dia 27 de Maio pelas 15H00, com a concentração das Imagens Padroeiras das Freguesias do Concelho, na Igreja Matriz de Idanha-a-Nova. Curiosamente, pela mão da nossa querida amiga e colega Bernarda Lopes Lourenço, de 77 anos de idade, tivemos acesso ao opúsculo do saudoso José Victório Fernandes que foi proprietário de um café, à entrada da Vila, junto ao Passeio, e memorável pelas mil e uma histórias dos seus habituais frequentadores, em que, no dito opúsculo, está assinalado pelo próprio, junto de cada fotografia das Imagens: "veio" ou "não veio". Se aceitarmos o seu registo como fidedigno, estiveram presentes, na despedida da Imagem da Senhora do Almurtão, as seguintes Imagens Padroeiras das Freguesias: Senhora da Conceição de Idanha-a-Velha, Santa Catarina do Ladoeiro, Senhora da Consolação de Monfortinho, Senhora do Leite de Penha Garcia, Senhora do Rosário do Rosmaninhal, Senhora da Consolação de Salvaterra do Extremo, Senhora da Conceição de Segura e Senhora da Piedade da Zebreira.

Às 18H30, após Procissão com as citadas Imagens e a da Senhora do Almurtão, até ao Largo do Hospital, teve lugar uma Missa Campal que foi presidida pelo então Bispo da Diocese, D. Agostinho de Moura. No final da Missa, reorganizou-se a Procissão até à Igreja Matriz.

28 DE MAIO A 2 DE JUNHO

Após Missa em honra de Nossa Senhora do Almurtão, pelas 08H00, seguiu-se a acima descrita Cerimónia do Adeus à Veneranda Imagem e partida para o Santuário de Fátima.

Após permanência das 13 às 15 horas em Fátima, com visita à Capelinha das Aparições, o cortejo automóvel prosseguiu rumo a Lisboa. Pelas 21H00, foi a chegada da veneranda Imagem, ao Largo da Parada dos Prazeres (Campo de Ourique), seguindo-se Procissão das velas para a Igreja do Santo Condestável.

A Imagem de Nossa Senhora do Almurtão permaneceu na citada Igreja, havendo em cada dia Missa e visitas dos naturais do Concelho, residentes em Lisboa e arredores. A informante, Maria Rosa Reis de oitenta e oito anos de idade, que então vestia a Imagem de Nossa Senhora do Almurtão, revelou-nos que a Imagem saíra da Vila com o manto azul oferecido pelas suas patroas, Sras D. Maria Isabel e D. Maria da Piedade Trigueiros de Martel Seabra

e regressou com o mesmo manto. Acrescentou ainda que durante a estadia da Imagem de Nossa Senhora em Lisboa, Lhe vestira o manto rico e o manto dos brasões, com a ajuda das Sras D. Maria de Lurdes e D. Maria do Céu Manzarra.

No dia 2 de Junho, teve lugar a Procissão da veneranda Imagem para a Cerca das Oficinas de S. José. O Jornal "O Século", na Secção "Vida Católica", apresenta uma fotografia com a Imagem da Senhora do Almurtão a sair da Igreja do Santo Condestável, e da notícia intitulada "Missa ao ar livre nas Oficinas de S. José, por motivo da visita da Imagem da Senhora do Almurtão, sufragando as vítimas do terrorismo em Angola", respigámos o seguinte:

"A imagem de Nossa Senhora do Almurtão padroeira do concelho de Idanha-a-Nova, que se encontra de visita na igreja do Santo Condestável, saiu ontem à tarde, deste templo, em procissão acompanhada de muitas centenas de fiéis, a maior parte deles naturais daquele concelho para o recreio das Oficinas de S. José, onde teve uma ca-rinhosa recepção.

Num altar armado no referido recinto, o sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco, que se deslocou propo-sitadamente a Lisboa celebrou missa ao ar livre, acolitado pelos revs. cónegos Fernando Duarte

e João de Almeida, priores, respectivamente da freguesia do Santo Condestável e de Idanha-a-Nova. Ao Evangelho, o prelado fez uma prática na qual começou por se congratular com aquela reunião dos diocesanos devido à intercessão de Nossa Senhora do Almurtão, cujo panegírico traçou.

(...)Finda a cerimónia, à qual assistiram também os corpos gerentes da Casa do Concelho de Idanha-a-Nova e a comissão executiva da peregrinação a imagem regressou, processionalmente, à Igreja do Santo Condestável, acompanhada de muitos fiéis, entoando hinos e cânticos em louvor da Virgem.

Hoje, às 9 horas, reza-se a missa de despedida e a seguir organiza-se um cortejo automóvel para conduzir a veneranda imagem à sua capela, situada próximo de Idanha-a-Nova." (2)

No "Século", no dia seguinte, volta a aparecer, em "Vida Católica", outra breve notícia com o título: **"Regressou à sua capela a imagem de Nossa Senhora do Almurtão".(3)**

O Jornal "Reconquista" relata, numa página inteira, a chegada da Imagem peregrina a Idanha-a-Nova e apresenta como título:

"A laboriosa população de Idanha-a-Nova vibrou de entusiasmo e de emoção ao receber a imagem da Senhora do Almurtão que esteve ausente oito dias na

capital, de visita aos filhos do concelho" (4)

O "Jornal do Fundão", com o título: "Idanha-a-Nova – Regresso de Na. Sra do Almurtão", refere:

"Conforme estava marcado regressou a esta Vila, no passado dia 3, a Imagem de Nossa Senhora do Almurtão, que, como noticiámos, tinha ido em romagem a Lisboa.

Aguardavam-na à entrada da vila centenas de pessoas, com a Banda de Música Idanhense e um grupo de raparigas que com o característico adufe, entoavam típicas quadras alusivas à Santa. Vimos também pela primeira vez nesta Vila as imagens de S. Romão e de Santa Bárbara existentes na Capela de Nossa Senhora que por iniciativa dos Mesários vieram propositadamente esperar a nossa tão querida Senhora do Almurtão.

Quando a santa chegou, foi um delírio nos assistentes, pois viam-se lenços a acenar, palmas e rostos transbordantes de verdadeira alegria.

Deu-lhe, as boas vindas, o Sr. Presidente da Câmara, que como Idanhense e devoto sincero da Senhora não podia deixar de viver o acontecimento e comovido saudou os Romeiros e felicitou a Comissão da Casa do Concelho de Idanha-a-Nova por esta feliz iniciativa.

Organizou-se em seguida uma procissão em que se incorporaram todos os presentes, que o mesmo é

dizer todo o povo desta localidade, para levar N^a. Senhora até à Igreja, parando a mesma procissão em frente dos Paços do Concelho onde o sr. Cónego João de Almeida (que acompanhou sempre a imagem) proferiu uma brilhante homilia, seguindo depois para a Igreja Matriz.

No dia seguinte seguiu Nossa Senhora e as já referidas Imagens para a sua ermida, com o acompanhamento de muitos devotos." (5)

O "Jornal Beira Baixa", noticia: "Visita da Imagem de Nossa Senhora do Almurtão a Lisboa" com a descrição na íntegra do programa da visita (6) e, dias mais tarde, numa página completa, apresenta como título: "A Imagem de Nossa Senhora do Almurtão foi apoteoticamente recebida, em Idanha-a-Nova, no seu regresso de Lisboa" (7), onde refere quatro das quadras que as mu-lheres cantaram ao som do adufe, no Cais do Marquês da Graciosa, ao surgir a Imagem na Praça da República, das quais respigámos estas duas:

Senhora do Almurtão,

Não queremos que voltes lá:

Se tu és Mãe de todos

Os filhos que venham cá.

Senhora do Almortão
Reparai no que vos digo,
Se voltais para Lisboa,
Nós vamos todos contigo.

Não temos conhecimento de que outra Imagem de qualquer ponto do País tenha peregrinado, à semelhança de Nossa Senhora do Almortão, até Fátima e Lisboa.

(2) Jornal diário “O Século”, de 03 de Junho de 1961, pp. 5.

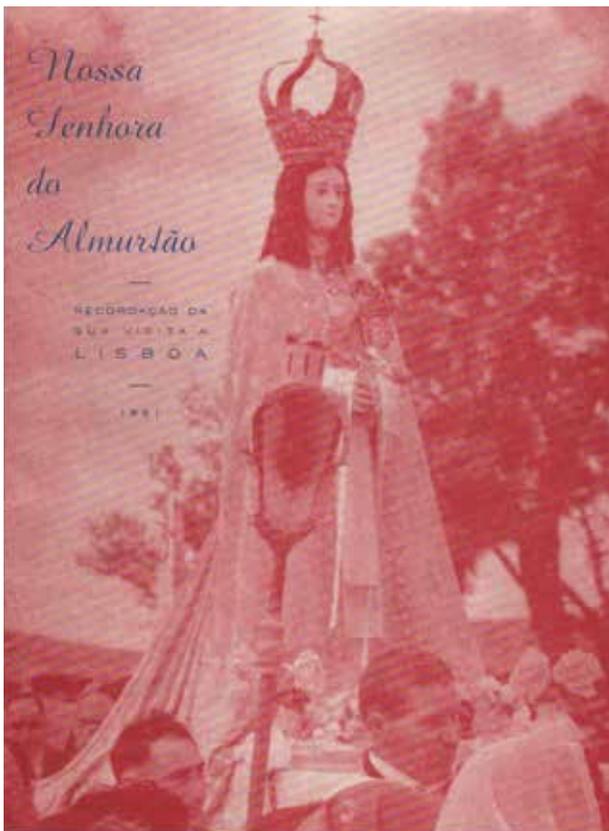
(3) Idem, de 04 de Junho, pp. 4.

(4) Semanário “Reconquista”, de 11 de Junho, pp. 3.

(5) Semanário “Jornal do Fundão”, de 11 de Junho, pp. 4.

(6) Semanário “Beira Baixa”, de 14 de Maio de 1961, pp. 5.

(7) Semanário “Beira Baixa”, de 18 de Junho de 1961, pp. 2.



37. Brochura comemorativa da viagem da Senhora do Almortão, 1961



38. A imagem da Senhora do Almortão em Fátima, 1961





40. Anel de ouro preso a fita de seda rosa com inscrição (ex-voto)

SALA AZUL

Ex-votos
Mantos
Ourivesaria

3. OS EX-VOTOS

Qualquer modesto objecto votivo é a expressão vene-rável duma emoção religiosa, duma vida interior que dignifica a nossa espécie.

Fernando Russell Cortez

Antes de nos referirmos aos ex-votos, vamos dar conta da narração de dois milagres, não apresentados em ex-votos, mas sim descritos com minúcia. Um, datado de um de Março de 1738, narrado pelo Padre Domingos Nunes e um outro de que, há bem poucos dias, nos entregou pessoalmente a descrição, João Baptista, de 83 anos de idade, natural de Idanha-a-Nova.

O primeiro foi-nos enviado, pelo nosso querido Amigo e credenciado investigador, Eng.º Manuel da Silva Castelo Branco, por ter encontrado a notícia escrita do dito milagre pelo Cura Domingos Nunes, nos Registos Paroquiais,

Igreja Matriz de Idanha-a-Nova, a folhas 235 V. do Livro 5 dos Baptismos, que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo da qual actualizámos a grafia, e que refere o seguinte:

"Achando-se todo este Reino e Espanha atenuado pela falta de água, tanto para os frutos e gados, como nos mananciais e nativos dela, de sorte que fontes nunca dos viventes vistas secas, nem ainda por ouvirem, se viram secas totalmente: se achavam por todas as cidades e vilas e lugares, especialmente no Patriarcado de Lisboa em preces públicas ordenadas pelo Ilustríssimo Senhor Patriarca, e assim por todo o Reino: resolveu este Povo de Idanha-a-Nova, pela grande devoção de Nossa Senhora do Almurtão fazer sua procissão com o Santo Cristo da Misericórdia à Casa da Senhora, e com a mesma devoção trazer o mesmo com sua Santíssima Mãe do Almurtão, para esta Igreja (N.ª. Sr.ª. da Conceição da Vila de Idanha-a-Nova), o que com efeito fez no dia vinte e dois de Fevereiro de 1738, sábado, e, estando o vento quase norte e suão, no mesmo instante que a Santíssima Mãe Senhora Nossa saiu de sua Santa Casa, acompanhada do Santo Cristo e São José, virou o vento de baixo e sul, e recolhendo a dita procissão para esta Igreja, continuou o Povo com um Oitavário de Missa cantada

e logo no segundo dia começou a chover com tanta abundância que correram os regatos e Rio Ponsul, e continuou até sexta-feira seguinte, vinte e oito do mesmo mês, em que se celebrou missa cantada com o Santíssimo exposto e Sermão, e neste dia continuou a água sem nunca cessar, prometendo no dia seguinte, em que se solenizou da mesma sorte, impedir a procissão pelas ruas com o Santíssimo e Senhora e Senhor Santo Cristo e S. José, e ultimamente conduzir a Senhora à sua Santa Casa, pareça ser milagre evidente, levantou a água e tudo se concluiu sem cair gota, e ao recolher o Povo da Senhora somente veio pouca; e como este milagre da Nossa Senhora foi tão claro e público e por tal geralmente aclamado, fiz este assento, o que tudo juro "in verbo sacerdotis", de Março 1 de 1738, e foi a primeira vez para que se guarde a memória dos homens saiu Nossa Senhora de sua Santa Casa por semelhante necessidade."

Na Exposição encontra-se transcrito um outro milagre, cujo texto é da autoria de João Baptista que, até à sua reforma, foi motorista e proprietário de um carro de alugar, na Praça desta Vila de Idanha-a-Nova, e que passamos de novo a transcrever:



"João Baptista, com 83 anos de idade, natural de Idanha-a-Nova, vem tornar público o Milagre que Nossa Senhora do Almortão fez na sua vida, quando ainda era criança.

Nos tempos em que era rara a semana em que o sino não tocava pela morte de anjinho, devido ao tifo e à meningite, eu fiquei

a dever a minha vida a Nossa Senhora do Almortão, segundo a minha Mãe me contava, enquanto criança e rapaz, e depois também o contou a minha mulher, depois de termos casado.

Quando eu tinha dezoito meses de idade, tive uma doença muito grave. Minha Mãe muitas vezes me levou ao médico, o Senhor Dr. José Esteves, que me receitava o medicamento que ele entendia indicado para o meu mal. Mas melhoras, não havia.

Duma vez, a minha Mãe viu-me tão mal, que correu comigo para o médico. A sala de espera estava cheia de gente que aguardava pela sua vez, mas, vendo a aflição de minha Mãe e o meu estado de quem estava nos braços da morte, todos lhe deram a vez.

O médico observou-me e disse à minha Mãe:

- **Vá depressa para casa, que o menino não escapa desta. Está mesmo a morrer. Minha Mãe, naquela grande aflição, vai para casa desanimada, lavada em lágrimas, e, com uma manta, faz uma cama no chão, onde me deitou. Ajoelhou-se a meu lado, de mãos postas para Nossa Senhora do Almurtão e pede-lhe, com muita devoção, pela minha saúde. Nesse momento, eu abri os olhos, comecei a transpirar muito e a minha Mãe reparou que eu estava a sentir-me melhor. Levantou-me e pôs-me ao peito. E eu que, pela doença, já não tinha porte para mamar, naquele momento, comecei a fazê-lo.**

E melhorei de tal modo que, até hoje, felizmente, nunca mais precisei de medicamentos.

Daí a uns dias, quando a minha Mãe me levou outra vez ao médico para lhe contar o sucedido, ele muito admirado, disse:

- Ainda tu me cá apareces, ó meu homem?... O teu caso, só por milagre...

A minha Mãe agradeceu muito a Nossa Senhora do Almurtão, como se tivesse recebido a maior fortuna do mundo, e, no dia da Sua Romaria, vestiu-me de anjo, para acompanhar a Santíssima Virgem na Sua Procissão.

Idanha-a-Nova, 26 de Março de 2007

João Baptista"

Desde a segunda metade do séc. XIV, até quase aos inícios do séc. XIX, a esperança de vida era baixa, era pelos trinta anos. A partir desses anos, a morte era uma angústia no coração de ricos, de remediados e dos pobres. Quando parecia que nada havia para remédio dos males, em caso de doença, então era a altura de mais energicamente se rogar a graça da vida para o enfermo. Os que tinham mais posses, após a cura, graças aos rogos do ente ou dos entes mais queridos, recorriam como prova de gratidão, geralmente a um pintor popular, que representasse a intercessão da Mãe de Deus ou dos Santos ou Santas, para que ficasse para a posteridade, no templo, o acto do "milagre", denominado ex-voto que, normalmente ficava documentado com a respectiva legenda explicativa.

Daí que aos ex-Votos costumam chamar-se "milagres", ou tabuinhas de "milagre" que pretendem perseverar "in perpetuum" a gratidão dos fiéis e a recordação do milagre, retratando ambientes e mentalidades da respectiva época que merecem ser analisadas.

Os "ex-votos", embora obra de artistas populares, são documentos de precioso valor catequético e pedagógico, são sinais da presença e acção divina e ao mesmo tempo expressão de gratidão íntima de gente simples ou de condição social elevada que alcançaram graças muito desejadas. Normalmente, pela pintura na madeira, na

tela, na folha de flandres, ou noutro material, visualizamos a cena da angústia vivida, sobressaindo a imagem da Virgem ou de um santo intercessor e a legenda da notícia da cura ou da graça concedida com a indicação do nome do miraculado ou da miraculada.

O acervo de "ex-votos", que chegou até nós, existente na nave única da ermida de Nossa Senhora do Almortão, constitui um conjunto muito emblemático. Dada a formação autodidacta da maioria dos artistas, estes "ex-votos" apresentam técnicas e materiais muito diferentes: o óleo, a aguarela e o lápis de cor. O nome ou iniciais dos autores aparece em poucos e na legenda pode constatar-se o ano do "milagre".

Os "ex-votos" recolhidos e presentes nesta Exposição, são todos dedicados à Virgem do Almortão, excepto um a S. Romão. Estes, simbolizando a união da fé e da arte bem populares, são testemunhos a perpetuar a gratidão e a prolongar a fama, de um modo especial, dos poderes de intercessão de Nossa Senhora do Almortão junto de Deus.

Poderemos observar onze originais "ex-votos", sendo dos datados, o mais antigo de 1767. Acresce referir que estes revelam informações preciosas quanto à época em que foram executados, se analisarmos os elementos da pintura ou desenho tais como: as roupas, os trajes, o mobiliário e os demais adereços e elementos decorativos.

Na verdade, os ex-votos a Nossa Senhora do Almortão são documentos a atestar a história da devoção das gentes arraianas das terras das Idanhas, onde, por vezes, o simbólico e o milagroso se harmonizam num hino da mais pura ingenuidade e fé.



41. Registo (ex-voto)



42. Adufe pintado (ex-votos)



3.1. "EX-VOTO" 1767

LEGENDA:

MILAGRE QUE FEZ N. SNR^a. DO ALMOTÃO A JOAQUIM PIO FALCÃO, F^o (FILHO) de JOÃO MARQUES FALCÃO, montr^o (MONTEIRO) mor DESTA com^a. (COMENDA) ESTANDO COM HUMA MALINA, DESPEDIDO DO MÉDICO E IMPLORANDO SEUS PAIS O PATROCINIO DA SNR^a RESTITUINDO A VIDA E SAUDE NO ANO DE 1767.

OBJECTO:

Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Óleo sobre tela

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 35,50cm x 23,50

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: 2^a Metade do século XVIII. 1767

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão.
Nave única.

DESCRIÇÃO:

Exemplar da autoria de um pintor local com algumas noções do espaço e de volumetria. Representa uma cama de dossel com quatro colunas, mantendo as cortinas de tecido vermelho vivo ao alto e o lado esquerdo aberto. O jovem enfermo encontra-se deitado no leito com a cabeça sobre uma almofada. Junto da cabeceira à esquerda, o médico vestindo casaca vermelha e camisa branca com punhos de renda à mostra, assenta a mão esquerda sobre o ombro nu do enfermo. A Mãe deste, com vestido azul, está junto à cabeceira e, numa das mãos, próxima do rosto ao nível do olho esquerdo, ostenta um lenço branco, ao jeito de limpar as lágrimas. De pé, aos pés da cama, o pintor apresenta o pai com bigode e "mosca", trajado de casaca vermelha. No lado direito da tela, observam-se as figuras de Nossa Senhora com o Deus Menino, ambas com a cabeça coberta de cabelo. A Virgem veste vestido vermelho comprido e dos ombros pende um manto azul, apresentando-se suspensa em novelos de nuvens que A rodeiam até a meio da Sua figura.



MILAGRE QUE FES A SENHORA DO ALMOTAM DE
S. AERONIMO IOZE MANZARRA QUE ESTANDO
DOENTE DE HUMA GRAUE EMFERMIDADE DESPE-
RIDIDO DOS MEDICOS SEM ESPERANSA DEUIDA
AJUDADO ABEM MORER RECORERAM ADITA
SENHORA LOGO LHE DEU SAUDE EMOANO
DE 1792.

3.2 "EX. VOTO" 1792

LEGENDA:

MILAGRE QUE FES A SENHORA DO ALMOTAM A JERONIMO JOZE MANZARRA QUE ESTANDO DOENTE DE HUMA GRAVE ENFERMIDADE DESPEDIDO DOS MEDICOS SEM ESPERANSA DE VIDA AJUDADO ABEM MORER RECORERAM A DITA SENHORA LOGO LHE DEU SAUDE. EMOANO DE 1792.

OBJECTO:

Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Óleo sobre tela

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 74 cm x 50 cm

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: 2ª Metade do século XVIII. 1792

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão.
Nave única.

DESCRIÇÃO:

Exemplar da autoria de um pintor local com conhecimentos básicos da ocupação do espaço, da volumetria e costumes da época, evidenciando uma paleta de tons diversificada. A parede do quarto apresenta-se num azul celeste que faz realçar a presença do leito e das figuras, e o chão em cinzento. O rico leito de dossel, quase totalmente forrado por pane-jamentos provavelmente de veludo vermelho, abre-se de frente, deixando ver o doente. A cabeceira alta da cama segue os modelos coevos em pau preto e pau santo

com as hastes verticais torneadas.

O doente veste uma camisa branca com gola e mangas compridas. Notam-se os pés e os pináculos de três dos quatro colunelos que sustentam o dossel. Aquele encontra-se deitado de costas, com a cabeça apoiada num travesseiro e almofada e inclinada para o lado direito com os olhos postos no sacerdote. A mão esquerda assenta na dobra do lençol de cima com franja de renda e a direita segura uma vela acesa conjuntamente com a mão direita do sacerdote que, de pé, veste sobrepeliz branca e batina preta. Este, na outra mão segura um missal ou livro de orações de capa vermelha. Uma figura feminina, provavelmente a esposa, de costas para o sacerdote e para o enfermo, com um fio ao pescoço e um laço no mesmo, veste um lindo vestido muito comprido de cor verde escuro estampado com motivos vegetalistas, com rendas no leve decote e nos punhos das mangas, apresenta-se de joelhos, com os dedos de ambas as mãos unidos, em atitude de fervorosa e ardente oração e que parece contemplar a figura da Virgem, envolta em novelos de nuvens, com o dourado do Sol atrás, coroada em cima dos cabelos brancos compridos e com um vestido azul claro com flores vermelhas estampadas, semelhantes ao tipo das antigas chitas de Alcobaça, apertado na cinta e saia de balão, com rendas no decote e nos punhos, num modelo muito próximo aos vestidos de corte da época. Um manto azul estampado com ramagens pendelhe harmoniosamente dos ombros. Nas mãos, segura delicadamente o Deus Menino nu, de rosto emoldurado com o cabelo, de cor castanha.



Rita Garrida, mulher de Fernando Lourenço Conchiuto, d'esta villa, estando gravemente enferma, a ponto de estar 10 dias sem fallar e mais 5 seguidos áquelles, sem tomar alimento nem dar signal algum de vida; recorreram á protecção da Virgem Nossa Senhora do Almojão, e por Sua interressão, Deus Nosso Senhor, lhe deu perfeita saude, no anno de 1873.

3.3. "EX. VOTO" 1873

Legenda:

RITTA GARRIDA, MULHER DE FERNANDO LOURENÇO COUCHINHO, D'ESTA VILLA, ESTANDO GRAVEMENTE ENFERMA, A PONTO DE ESTAR 40 DIAS SEM FALLAR E MAIS 5 SEGUIDOS ÁQUELLES, SEM ALIMENTO NEM DAR SIGNAL ALGUM DE VIDA, RECORRERAM Á PROTECCÃO DA VIRGEM NOSSA SENHORA DO ALMOTÃO E POR SUA INTERESESSÃO, DEUS NOSSO SENHOR, LHE DEU PERFEITA SAUDE, NO ANNO DE 1873.

OBJECTO:

Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Lápis e aguarela sobre papel

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 32 cm x 22 cm

AUTOR: A.A.N.

ÉPOCA: 2ª Metade do século XIX. Nas costas do quadro está escrito: "Feito a 28 de Dezembro de 1874. A.A.N."

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão. Nave única.

DESCRIÇÃO:

Trabalho da autoria de pintor amador da região, apresenta no canto superior esquerdo em meia figura, Nossa Senhora do Almortão coroada e com vestido e manto azul-escuro, assente em nuvens contínuas de tons cinzentos que conferem profundidade à cena. No canto inferior do mesmo lado, pode ver-se a enferma deitada numa cama simples de madeira, de cabeceira em espaldar simples, rematado por

um arco abatido, entre dois colunelos simples. A doente está deitada de lado, com a cabeça sobre o travesseiro de folhos, voltada para o lado direito, com traços jovens, atestados pela recente maternidade que se comprova pelo berço de verga com uma criança de tenra idade envolta por uma pequenina manta de cor azul. A enferma está coberta com uma colcha de cor vermelha com folho do mesmo tecido, por cima de um lençol debruado a renda em bicos. Do outro lado da cama, à cabeceira, o médico de pé que aparenta um ar carregado, com a mão toma o pulso da paciente. Apresenta bigode e "mosca" e cabelo com risco ao lado, vestindo camisa branca com laço preto e casaco castanho. De joelhos, junto ao berço e à cama, uma figura de senhora, vestida de azul, com capa castanha sobre os ombros e lenço na cabeça, ajoelhada e as mãos postas em oração, elevam-se na direcção da Virgem. Ligeiramente mais atrás, o marido, de pé, de cabelo com risco ao lado, com uma mão na algibeira e outra segurando um lenço de cor castanha, junto do olho direito, ao jeito de chorar, de aspecto consternado, veste casaca castanha e calção da mesma cor, polainas de pano tapando os sapatos até ao dito calção. No canto inferior direito, podemos ainda observar uma mesa de madeira com os quatro pés e sobre esta, ao meio um crucifixo, ladeado por duas velas, colocadas nos respectivos castiçais, e um adereço que não conseguimos distinguir. Bem próximo, observa-se uma cadeira de madeira com assento de tabua onde pousa um chapéu alto. Sobressai neste quadro um conjunto de características de semelhança que, a seguir, referiremos e que mostram estarmos perante obra do mesmo autor.



Maria da Resurreição Galvão, natural de Leiria, e de uma família pobre, que por algumas circunstâncias
e em consequência de vida, recorreu à proteção da Virgem Nossa Senhora de Arouca, e com a
ajuda que logo achou melhor, e em poucos dias recuperou a saúde perdida.

3.4. "EX VOTO" SÉC. XIX

Legenda:

MARIA DA RESURREIÇÃO GALVÃO, NATURAL DA ZEBREIRA, ESTANDO PERIGOSAMENTE ENFERMA COM UMA PNEUMONIA (?) E SEM ESPERANÇA DE VIDA, RECORREU À PROTECÇÃO DA VIRGEM NOSSA SENHORA DO ALMOTÃO, ESTA SUPPLICANDO SOCORRO (?) POR QUE LOGO ACHOU MELHORAS E EM POUCOS DIAS RECUPEROU A SAÚDE PERDIDA.

OBJECTO:

Quadro com moldura de madeira de cor castanha

MATERIAL: lápis e aguarela sobre papel

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 24 cm x 17 cm

AUTOR: A.A.N. (?)

ÉPOCA: 2ª Metade do século XIX. Nas costas do quadro encontra-se a data: 28-12-1882.

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão. Nave única.

DESCRIÇÃO:

Este trabalho da autoria de pintor amador não apresenta a figura de Nossa Senhora. A pintura sobre papel encontra-se manchada, portanto em mau estado de conservação. A enferma, natural da Zebreira, actual freguesia do concelho

de Idanha-a-Nova, surge deitada numa cama de ferro, com cabeceira de espaldar e varões laterais, com motivos geométricos. A mesma está deitada de lado, coberta com uma colcha de cor vermelha com folho do mesmo tecido, por cima de um lençol debruado a renda em bicos com a cabeça sobre o travesseiro de folhos, voltada para o lado direito, e parece observar uma criança ao colo, nos braços de uma figura feminina ajoelhada, junto à cama e próximo da mesma, sem lenço na cabeça, vestida com blusa castanha e saia até ao tornozelo, aos quadradi-nhos brancos e castanhos claros, apresentando uma capa de cor roxa com franja de cor amarelada sobre os ombros.

Ligeiramente mais atrás, uma figura de rapazinho, de pé, de cabelo louro encaracolado, com as mãos postas, ao jeito de orar, veste casaca castanha e calção comprido de tom azul. Atrás deste, junto aos pés da cama, surge uma figura feminina, também de pé e de mãos postas, de lenço castanho na cabeça, vestido de cor castanha até aos tornozelos, e xaile negro sobre os ombros. Junto da cabeceira da cama, podemos ainda observar uma mesa de madeira com os quatro pés e sobre esta, ao meio, um crucifixo que nos parece ladeado por duas velas, colocadas nos respectivos castiçais, e um adereço, que não conseguimos distinguir. Bem próximo, observa-se uma cadeira de madeira com tampo de tabua.

No nosso modesto entender, este quadro foi pintado pelo mesmo pintor do anterior, datado de 1873, que se assina A.A.N..



3.5. EX. VOTO 1902

MILAGRE QUE FEZ N. S. Almortão NA PESSOA DA MARIA RAMOS PORTAS ESTANDO DE PARTO QUASE MORTA E RECORRENDO (A N^a. SR^a. DO ALMOTÃO) E (LHE) ACODIO NO ANO DE 1902.

OBJECTO: Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Tinta sobre folha-de-flandres recortada

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 32 cm x 28,5 cm

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: Início do século XX. 1902

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão.
Nave única.

DESCRIÇÃO:

Embora o quadro se encontre bastante danificado, fruto certamente do rigor do tempo, principalmente no espaço do leito e da legenda, pode observar-se ainda, no canto superior direi-to, a figura de meio corpo de Nossa Senhora do Almortão, coroada, com o manto azul sobre os ombros, e com o Deus Menino nos braços, assente em nuvens contínuas em tom cinza claro que dão profundidade à imagem.

No leito de ferro, observa-se a cabeça da parturiente deitada sobre um travesseiro. Junto da cabeceira o marido que parece vestir camisa branca e colete. No outro lado da cabeceira, observa-se uma mesa de cabeceira de madeira, sustentando um relógio despertador e um crucifixo. Aos pés da cama, encontra-se de pé, um sacerdote obeso, com tricórnio de borla, a cobrir a cabeça, sobrepeliz branca e batina preta e ligeiramente atrás deste, uma outra figura humana que também parece vestir sobrepeliz branca e batina preta.



3.6. "EX. VOTO" SÉC. XX

Legenda:

MILAGRE QUE FEZ NOSSA SENHORA DO ALMOTÃO
Á FAMILIA DE ANTÓNIA BEATA. RECORRENDO Á
VIRGEM SANTÍSSIMA QUE ACUDISSE Á SUA FILHA,
QUE SE ENCONTRAVA EM PERIGO DE VIDA.

OBJECTO:

Quadro sem moldura

MATERIAL: Óleo sobre tela

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 50 cm x 36 cm

AUTOR: M. Beato

ÉPOCA: Meados do Século XX (?).

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão.
Nave única.

DESCRIÇÃO:

A paleta do pintor amador apresenta, essencialmente, tons vivos de azul, tendo dado ao quarto onde se encontra a enferma, um fundo tridimensional. A figura de Nossa Senhora do Almortão surge pintada a meio da parede, na parte superior, em meio corpo, com a cabeleira pelos ombros, encimada pela coroa. Veste vestido creme e manto azul que lhe pende dos ombros, e tem o Deus Menino nas mãos. Está suspensa em novelos de nuvens azul claras. Quase à mesma altura, nas paredes, podemos observar dois quadros de inspiração religiosa. A doente está deitada de costas numa cama de ferro, com a cabeça recostada numa almofada tendo por baixo o travesseiro. Na mesinha de cabeceira com gaveta e porta assenta um castiçal com uma vela acesa (?). Encostado a meio do leito, encontra-se o sacerdote com tricórnio sobre a cabeça e vestindo sobre-peliz branca, batina preta e com estola amarela ao peito, dando a benção com a mão direita. Aos pés da cama, o jovem sacristão empunha um crucifixo com ambas as mãos. No outro lado da cama, junto do sacerdote, encontra-se o pai com camisa branca, mão esquerda no bolso do casaco castanho e calças azuis. Duas figuras femininas ajoelhadas nas tábuas do soalho que se reconhecem, oram voltadas para a imagem da Virgem, ambas trajadas com lenço na cabeça, blusa e saia até ao tornozelo.



3.7. "EX-VOTO" SÉC. XX

Legenda:

MILAGRE QUE FEZ N. S. DO ALMOTÃO NA PESSOA DE JOÃO RAMOS DE PROENÇA A VELHA QUE TENDO UM BRAÇO QUASI PERDIDO POR CAUSA DE UMA PICADA NUM PULÇO E RECORRENDO À VIRGEM SS. ALCANÇOU PRONTAS MELHOS.

OBJECTO: Quadro sem moldura

MATERIAL: Óleo sobre madeira

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 34 cm x 24 cm

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: 1ª Metade do século XX

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão.
Nave única.

DESCRIÇÃO:

Embora na legenda se invoque a Senhora do Almortão, transparece a ideia de que o pintor amador desconhecia a imagem de Nossa Senhora do Almortão, representando-a à semelhança da Senhora da Granja, invocada na localidade do enfermo, Proença-a-Velha. No canto superior direito do pequeno quadro, surge a figura da Virgem com o Deus Menino num dos braços, voltado de perfil para o doente e em gesto de abençoar com a outra mão. Além disso, não é uma imagem de roca ou de vestir, mas antes uma imagem de madeira ou pedra com vestido. A figura da Virgem aparece circundada de nuvens negras e com uma auréola circular em volta de ambos, desde a altura dos braços da Virgem até ao cimo da coroa dourada. O enfermo está deitado de costas, numa cama de madeira (?), com a cabeça assente no travesseiro e com um braço estendido em cima da colcha verde-escuro, certamente para mostrar aquele que sofrera uma picada no pulso, conforme refere a legenda. Observam-se duas figuras femininas, de joelhos e de mãos postas, ambas com o rosto virado para a figura da Virgem, uma encostada, a meio da cama de lenço verde na cabeça atado à frente no pescoço e vestido azul escuro, e a outra, aos pés da mesma, de lenço castanho na cabeça também atado à frente e com blusa cinzenta e saia castanha comprida. Junto da cabeceira, observa-se, numa pequena mesa de madeira, uma garrafa e um prato com uma malga contendo uma colher.

A última palavra da legenda apresenta melhos em vez de melhoras, possível erro de grafia ou cópia.



3.8. "EX VOTO" 1916

Legenda:

Sem legenda

OBJECTO:

Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Óleo sobre tela

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 74 cm x 50 cm

AUTOR: Jaime Lopes Dias

ÉPOCA: 1ª Metade do século XX. 1916.

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almutão.

Nave única.

DESCRIÇÃO:

Exemplar de grande dimensão, com pintura a óleo da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, a meio corpo, com uma auréola circular sobre a cabeça, cobrindo levemente a forte cabeleira comprida com um véu azul e um manto da mesma cor sobre os ombros. O vestido é branco com apontamentos de azul claro. Da composição sobressaem os olhos amendoados do rosto, voltados para o alto, e as mãos, delicadas, com os dedos entrelaçados. A figura irradia serenidade e paz. Sem legenda, apenas com a assinatura do conceituado etnógrafo Dr. Jaime Lopes Dias e inscrito o ano de 1916.



MILAGRE QUE FIZ NOSSA SENHORA DO ALMUTÃO A INDO VIZ DA CONCEIÇÃO
 COM 12 ANOS DE IDADE COM A FEBRE TÍFOSA ESTANDO NOS ÚLTIMOS
 SUSPIROS, NINGUÉM LHE JULGAVA A VIDA A MÃE RECORRENDO COM
 TODA A FÉ À VIRGEM SANTÍSSIMA LOGO CONTINUARAM AS MELHO-
 RAS FOI TRATADA COM TODO O CUIDADO PELO MÉDICO S. DR. JOSÉ
 ESTEVES PELA ENFERMEIRA S. CRISTINA CONFESSADA PELO S. PADRE
 GOULÃO.

FILHO DO S. JOÃO SALVADO E DA S. AMÉLIA FERREIRA

3.9. "EX. VOTO" 1939

Legenda:

MILAGRE QUE FEZ NOSSA SENHORA DO ALMURTÃO A INDUVIZ DA CONCEIÇÃO COM 12 ANOS DE IDADE COM A FEBRE TIFOSA ESTANDO NOS ÚLTIMOS SUSPIROS, NINGUEM LHE JULGAVA A VIDA A MÂI RECORRENDO COM TODA A FÉ Á VIRGEM SANTÍSSIMA LOGO CONTINUARAM AS MELHORAS FOI TRATADA COM TODO O CUIDADO PRLO MÉDICO SRº. DR. JOSÉ ESTEVES PRLA ENFERMEIRA SRª. CRISTINA CONFESSADA PELO SRº. PADRE GOULÃO. FILHA DO SR. JOÃO SALVADO E DA SRª. AMÉLIA FREIRA.

OBJECTO:

Quadro com moldura de cor castanha

MATERIAL: Tinta e lápis sobre papel

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 44 cm x 31 cm

AUTOR: A. M. S. Botas, morador no Largo do S. João, em Idanha-a-Nova.

ÉPOCA: 1 Metade do século XX. 20-04-1939

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almutão. Nave única.

DESCRIÇÃO:

A figura de Nossa Senhora do Almutão surge no canto superior direito, a meio corpo, suspensa de uma nuvem, coroadada, com os cabelos caídos sobre o manto azul que Lhe pende dos ombros, e nas mãos segura o Deus Menino. De perfil, voltada para a Virgem, a mãe ajoelhada, com as mãos postas donde cai o terço, de lenço de tons rosa a cobrir a cabeça, blusa castanha e saia azul aos quadrados, parece orar com fervor pela filha enferma de doze anos. Esta encontra-se deitada de costas na cama de ferro (?) com a cabeça em cima do travesseiro, tendo junto à cabeceira o sacerdote, vestido de sobrepeliz branca e de batina preta, e junto a este o sacristão com opa branca e gola (?) vermelha. Aos pés da cama, do mesmo lado de ambos, encontra-se o pai da doentinha.



MILÁGRE QUE FEZ N.S.^a DO ALMOTÃO NA PESSOA MARIA CLARA ARAUJO ESTANDO A MORRER DE GRÁVE DOENÇA ELA E SUA FAMÍLIA PEDIRAM COM TANTA FÉ Á VIRGEM QUE A SALVASSE - E FICANDO CURADA - SEU MARIDO E FILHOS AGRADECIDOS OFERECEM ESTE RETABULO. 1940

3.10. "EX-VOTO" 1940

Legenda:

MILAGRE QUE FEZ N. S^a DO ALMOTÃO NA PESSOA MARIA CLARA ARAÚJO ESTANDO A MORRER DE GRÁVE DOENÇA ÉLA E SUA FAMILIA PEDIRAM COM TANTA FÉ Á VIRGEM QUE A SALVASSE_ E FICANDO CURADA_ SEU MARIDO E FILHOS AGRADECIDOS OFERECEM ESTE RETABULO. 1940.

OBJECTO:

Quadro sem moldura.

MATERIAL: Óleo sobre madeira

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 45 cm x 26 cm

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: Ano 1940. Século XX.

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almortão. Nave única.

DESCRIÇÃO:

Curiosamente, este é o único "ex-voto" actualmente existente dedicado à Virgem do Almortão cuja legenda refere quem foram os ofertantes do mesmo: "seu marido e filhos oferecem este retábulo" e enquanto todos os outros referem que foram os familiares que pediram a graça da cura, este refere que foi a própria doente e seus familiares: "ela e sua família pediram com tanta fé à Virgem que a salvasse".

A paleta das cores é viva, alegre e atraente. No canto superior direito, a figura da Virgem, a meio corpo, com a coroa assente nos cabelos compridos a cair sobre os ombros, segura o Deus Menino nas mãos, suspensa num enovelado de nuvens cinzentas e uma auréola dourada que a circunda acima daquelas. Voltados para a Virgem encontram-se, de perfil, certamente o filho mais velho com camisa branca, calça e casaco castanhos; de pé, uma outra filha ajoelhada, de lenço azul na cabeça atado ao pescoço, vestido escuro muito comprido e avental branco, ambos de mãos postas; um filho, ainda criança, com camisa castanha clara e calças escuras e uma outra filha jovem, com lenço num tom rosa, na cabeça, deixando assomar ripas de cabelos, e com vestido verde. Ao lado desta, o sacristão, de pé, com opa vermelha sem mangas, e segurando na mão uma caldeirinha de água benta de latão amarelo com o respectivo hissope (?), mesmo junto do portado de madeira de duas meias portas almofadadas, encimado com dois vidros. A doente, deitada de costas na cama de ferro, assenta a cabeça em cima do travesseiro e travesseira, tendo um dos braços destapado assente sobre a colcha amarela. Encostado ao leito, o sacerdote com tonsura, de sobrepeliz e batina preta, de pé, lê um livro que sustenta com ambas as mãos. Ao lado deste, também de pé, o marido, vestido de camisa, gravata, casaco e calça castanha, parece aparentar rosto de sofrimento. Por cima da cabeceira da cama, está dependurado um quadro emoldurado com a imagem de Jesus Cristo com a cruz às costas. Ao lado da cabeceira, uma mesa de madeira, coberta com uma alva toalha onde assenta um Crucifixo com pedestal, ladeado de dois castiçais com velas acesas.



Antonio Simões mordido por um cão
morrado no dia 8 de Janeiro 1880 e salvo
milagrosamente por S. Romão

3.11. EX. VOTO

Legenda:

ANTÓNIO SIMÕES MORDIDO POR UM CÃO DANADO
NODIA 8 DE JANEIRO 1880 E SALVO MILAGROSAMENTE
POR S. ROMÃO.

OBJECTO:

Quadro com moldura pintada de cor preta

MATERIAL: Fotografia a preto e branco

TEMA: "ex-voto"

DIMENSÕES: 9,5 cm x 6 cm

AUTOR: Desconhecido

ÉPOCA: 2ª Metade do século XIX. 1880 (?)

PROVENIÊNCIA: Ermida de Nossa Senhora do Almurtão.

Nave única.

DESCRIÇÃO:

A fotografia do miraculado apresenta-se em moldura de madeira castanha com a dimensão de 22 cm x 15,5 cm. O recurso a S. Romão é precisamente por ser considerado o seu principal atributo proteger dos cães danados os que o invocam. S. Romão fora um capitão mouro que se converteu ao Cristianismo. Daí as quadras que o povo canta ao som do milenar adufe:

- Senhora do Almurtão,
Quem tendes por companhia?
- É o Senhor S. Romão,
Capitão da Mouraria.

- Senhora do Almurtão,
Quem tendes por companhia?
- Santa Bárbara e S. Romão,
Capitão da Mouraria.



43. Ex-votos de cera expostos na Capela Mor



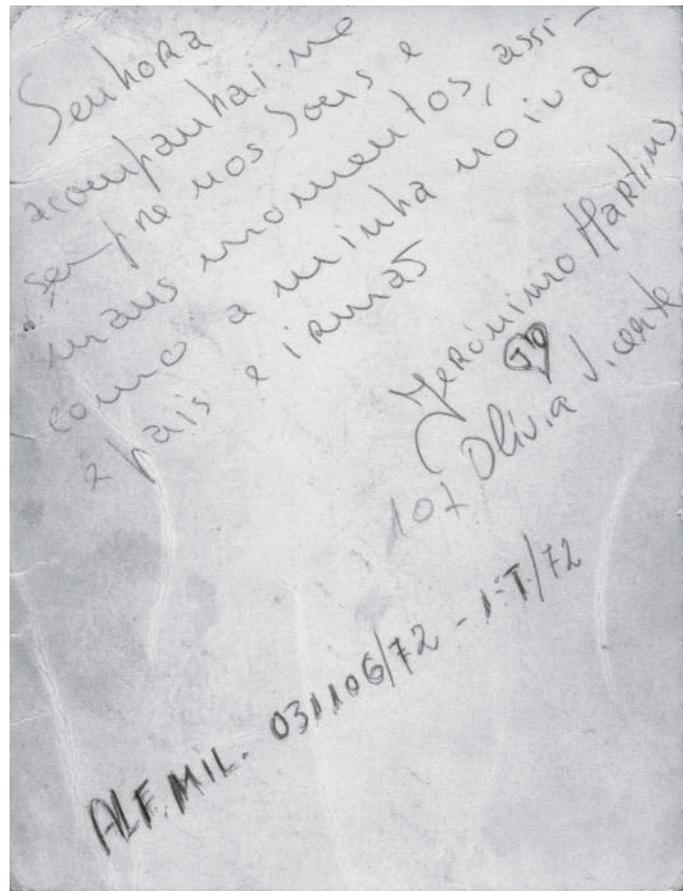
3.12 "EX-VOTOS" DE CERA

Há ainda outro tipo de ex-votos, que estão expostos e que costumam estar pendurados, em suportes para o efeito, na capela-mor da ermida, que são figuras moldadas em cera, representando o corpo humano na sua totalidade ou a parte ou partes do

mesmo em que o devoto ou a devota alcançou a cura, como por exemplo: as mãos ou os braços, o pé ou as pernas, a garganta, o seio ou os seios, o fígado, o intestino e outros.

3.13. "EX-VOTOS" DE FOTOGRAFIAS DE MILITARES

Outros são fotografias de militares que, no tempo da Guerra do Ultramar (1961 a 25 de Abril de 1974) foram oferecidas e penduradas, em espaço próprio, na capela-mor, antes ou depois do regresso, e que contêm mensagens onde estão expressos os sentimentos religiosos dos mesmos.





ofereço a senhora
do Admarção que me
acompanhe assim
a minha mulher
que me leve e
traga
com quem
Diamantino
Valente



14/5/73
Injeção a doses semana
do FRMortal que
me deu sorte e saúde
& que me garante
em todas as horas
de férias
CIBA Photochemie

Manuel Delgado
Joãoquin
Jedaula - +Póvoa



Sonhora
acompanhai-me
sempre nos bons e
maus momentos assim
como a minha
namorada pais e
restante familia
João Ramos Rijo
Cordeiro
Esquadrão Tox.
Soldado Condutor

3.14. OS MANTOS

O bonito e valioso manto de seda, bordado com flores silvestres das que bordejam os caminhos que vão dar à ermida, que cobriu a Senhora, na Romaria deste ano, é um dos vinte e nove que, actualmente, fazem parte do seu rico património. Todos os mantos são oferta generosa de devotos, agradecidos por tamanhas graças concedidas. O povo encantado com a beleza da Imagem, graças à sua prodigiosa inspiração poético popular, ao som do milenar adufe, canta:

Senhora do Almortão,
Encaradinha à lua,
Agora que estais tão linda,
Vinde dar volta à rua.

RELAÇÃO DOS MANTOS EXPOSTOS E OFERTANTES



MANTO.

Brocado de seda, vermelho escura, com passamanaria prateada. Séc. XIX.

Ofertantes: desconhecidos.



MANTO.

Seda azul. Utilizado para a medida. Séc. XIX.

Ofertantes: desconhecidos



MANTO 'RICO' E RESPECTIVO MANTO DO MENINO JESUS. Seda branco pérola, com bordado a fio de ouro. Séc. XIX. Ofertantes: D. Angélica de Aragão Tavares da Costa Ornelas, esposa do Coronel de Milícias, Joaquim Rebelo Trigueiros, pelo nascimento do seu filho, 1º Conde de Idanha-a-Nova.



MANTO
Seda natural lilás, com flores roxas estampadas.
Séc. XIX | XX.
Ofertantes: D. Maria Isabel Trigueiros Osório de Aragão Martel, nascida, em 20.10 1871, no Fundão.



MANTO AMARELO
Seda cor de mel (brocado), com passamanaria dourada.
Séc. XX.
Ofertantes: D. Maria do Carmo e D. Maria Ludovina Bento Falcão.



MANTO
Seda azul celeste, com passamanaria dourada. Séc. XX.
Ofertantes: Abel Torres Campos e D. Alice Torres Almeida Campos.

MANTO

Seda azul mar, com passamanaria dourada. Séc. XX.
Ofertantes: D. Maria Isabel e D. Maria da Piedade
Trigueiros Seabra.



MANTO

Seda azul forte, com passamanaria dourada. Séc. XX.
Ofertantes: D. Maria Isabel e D. Maria da Piedade
Trigueiros Seabra.



MANTO

Seda roxa. Séc. XX.
Ofertantes: desconhecidos.



MANTO DOS BRASÕES

Seda branco pérola (lisa e brocado), bordada com os
brasões das duas famílias consorciadas em matrimónio.
Séc. XX.

Ofertantes: D. Maria Angélica Portugal Lobo Trigueiros
de Aragão e Joaquim Trigueiros de Almeida Osório
Vilhena Aragão e Costa (1950).





MANTO da ROMARIA de 1975
Seda azul, com passamanaria dourada.
Ofertante: António Antunes Monteiro, de Toulões.



MANTO da ROMARIA de 1976 (LAÇOS)
Seda roxo claro, com passamanaria dourada. Séc. XX.
Ofertantes: Casal de Idanha-a-Nova, residente em Toulões,
D. Maria José Baroa e Marido.



MANTO da ROMARIA de 1978.
Seda branco pérola, bordada, com passamanaria dourada,
segundo o modelo do de N^a S^a de Fátima.
Ofertante: Francisco Ventura Moura.



MANTO da ROMARIA de 1979.
Seda branco pérola, bordado com pérolas e lantejoulas.
Ofertantes: D. Idalina Ferreira Carvalho e Manuel
Mendonça Carvalho.

MANTO da ROMARIA de 1984
Seda lisa branco pérola, com passamanaria dourada.
Ofertante: D. Cândida Abrantes Tavares Barata.



MANTO da ROMARIA de 1985
Seda cor de rosa, com passamanaria. Séc. XX.
Ofertantes: D. Inês Maria e José António Pardal, Casal da Zebreira.



MANTO da ROMARIA de 1986
Seda cor de grão, com estrelas bordadas.
Ofertantes: Domingos Martins e D. Rosa Moita.



MANTO da ROMARIA de 1989
Cetim azul, com passamanaria dourada.
Ofertantes: Casal de Penha Garcia.





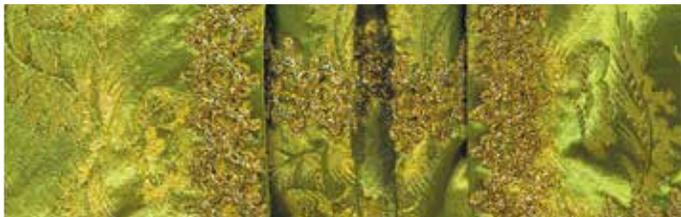
MANTO da ROMARIA de 1993

Seda branca lavrada, com passamanaria dourada.
Ofertantes: Manuel Gomes e D. Maria Amélia Rija
Gomes.



MANTO da ROMARIA de 1998

Seda creme lavrada, com passamanaria dourada.
Ofertantes: António Ereio e D. Maria da Conceição
Tapadas Ereio.



MANTO da ROMARIA de 1999

Seda verde lavrada a dourado, com passamanaria da
mesma cor.
Ofertantes: António José Victório Araújo e D. Maria
Angélica do Espírito Santo Rocha Araújo.



MANTO da ROMARIA de 2000

Seda azul lisa, com passamanaria prateada.
Ofertantes: Joaquim Martins e D. Raquel Martins.

MANTO ROMARIA DE 2002

Seda creme lavrada, com passamanaria dourada.

Ofertante: Fernando Couchinho.



MANTO da ROMARIA de 2003

Seda branca, com estrelas douradas aplicadas.

Ofertantes: Anónimos.



MANTO da ROMARIA de 2004

Seda azul escura, com passamanaria dourada.

Ofertante: D. Maria de Lurdes Geraldes Marques,
Caldas da Rainha.



MANTO da ROMARIA de 2005

Seda azul clara, lavrada, com passamanaria dourada.

Ofertantes: D. Maria Manuela Antunes Domingues
Silveira Catana e António Silveira Catana.





MANTO, outro de 2005
Seda beje, lavrada.
Ofertantes: anónimos.



MANTO da ROMARIA de 2006
Seda beje, bordada a ponto de Castelo Branco.
Ofertantes: Filhos de Manuel Esteves Lourenço.



MANTO da ROMARIA de 2007
Seda beje, bordada com flores silvestres.
Ofertante: D. Maria José Tavares Antunes Fernandes.



MANTO da ROMARIA de 2008
Seda bordeaux, trama defio dourado em padrão de estrelas.
Ofertante: Maria de Lurdes Marques, Caldas da Rainha.

MANTO da ROMARIA de 2009

Manto verde com bordados dourados

Ofertante: Marta Sofia Sousa Barroso, Idanha-a-Nova.



MANTO da ROMARIA de 2010

Manto bege bordado (seda selvagem) com aplicação de algumas lentejoilas

Ofertante: Maria Isabel Geraldês Pires, Idanha-a-Nova.
(Emigrante em França)



MANTO da ROMARIA de 2011

Seda cor-de-rosa bordado a prata em padrão florido

Ofertantes: Maria de Fátima Miranda e marido, João José Delgado Antunes, Idanha-a-Nova.



MANTO da ROMARIA de 2012

Seda azul com aplicações de flores douradas

Ofertante: Maria Isabel Capelo, Idanha-a-Nova.





MANTO da ROMARIA de 2013

Cetim de cor de mel com aplicações de renda branca
Ofertantes: Eugénia Luís, Luísa Luís, José Luís, Joaquim Luís, Luís Eduardo, Santiago Oliveira e Tânia Mateus, Termas de Monfortinho.



MANTO da ROMARIA de 2014

Manto de gorgorão de seda bordeaux
Ofertante: Maria de Lurdes Geraldès, Caldas da Rainha.

Apraz-nos registar os devotos e devotas que estão inscritos na lista das Secretárias da Assembleia Geral da Confraria de Nossa Senhora do Alnurtão e que aguardam oportunidade para oferecer um novo manto para cumprimento de promessa por graça ou graças concedidas:

2015 – José Alexandre Crespo, Torres Vedras

2016 – Joaquina da Cruz Farias Figueiredo, S. João do Tojal, Loures.

2017 – Óscar Manuel da Silva de Jesus, Idanha-a-Nova.

2018 – Engº Álvaro José Cachucho Rocha, Idanha-a-Nova.

3.15. AS JÓIAS, O OURO E A PRATA DE NOSSA SENHORA

Para além dos mantos, as jóias, os brincos, os fios e cordões, as medalhas, os medalhões, as libras, os anéis e alianças, pulseiras, corações, âncoras ou os alfinetes em ouro ou prata e outro tipo de objectos, que à Senhora do Almutão têm sido oferecidos, ao longo dos séculos, são também sinais de amor para resgatar a vida que é o bem maior. Todas estas peças, tais como os mantos, também possuem uma história que reflecte um pedaço da história da vida de quem ofereceu e que permanece conhecida apenas pelo próprio e por Deus.

Ao apresentar-se, pela primeira vez ao público, todas as jóias e todo o ouro que, actualmente, são pertença da Confraria de Nossa Senhora do Almutão, foi intenção da mesma desmistificar todo o segredo e mistério que havia quanto à quantidade e qualidade das peças oferecidas a Nossa Senhora do Almutão e que estão guardadas no cofre de uma instituição bancária, com balcão ao serviço no nosso Concelho.

De entre as 203 peças de ouro, prata e colares com jóias, refira-se a diversidade de espécimes e estilos representados nas ofertas votivas em ouro e prata. Entre estas destacam-se dois conjuntos principais:



44. Coroa da imagem do Menino Jesus, prata



45. Resplendor, prata e pedrarias



46. Par de arrecadas, ouro



47. Pendente com a figura do Menino Jesus.
Ouro, cristal de rocha e esmaltes, séc. XVII (atrib.)



48. Par de brincos de fuso, ouro

– a ourivesaria popular, composta por uma grande quantidade de exemplares de filigrana nacional (brincos de fuso – com e sem aplicação de esmalte, de bolota, de volutas, etc.; colares, coleiras e terços de contas de Viana) e peças mais simples de uso quotidiano, muitas delas com valor simbólico associado (alianças de casamento e legados de família);

– de menor vulto, mas de especial relevância pela excepcionalidade dos espécimes apresentados, o conjunto de joalharia erudita (que integra dois espécimes de joalharia sacra) é bem representativo de alguns estilos, com destaque para as peças barrocas em prata e minas novas, do séc. XVIII, e alguns exemplares dos sécs. XIX e XX, executados em algumas das grandes casas joalheiras do nosso país.

Das peças de joalharia, três foram doadas em testamento, efectuado em 22 de Março de 1967, por D. Maria da Piedade Trigueiros de Martel Seabra, solteira, em que no ponto 79 do mesmo, refere que doa "a Nossa Senhora do Almurtão um alfinete de ouro branco que era da mãe dela testadora (D.Maria da Piedade Trigueiros Osório Martel Gusmão de Seabra), e representa uma foice, um alfinete de ouro que era de sua irmã (D.Maria Isabel Trigueiros de Martel Seabra), e representa duas pombinhas, e um alfinete dela testadora, e que representa uma orquídea



49. Jóias oferecidas por D. M^a da Piedade Trigueiros de Martel Seabra



50. Colar compósito, montado sobre fita de seda. Prata e minas novas, sécs. XVIII

– jóias que serão colocadas nas vestes de Nossa Senhora, e, em hipótese nenhuma, poderão ser vendidas."

O informante, Manuel Guilherme, então com 86 anos de idade, referiu-nos, em 11 de Dezembro de 2005, que o adereço de minas novas foi oferta de D. Angélica de Aragão Tavares da Costa Ornelas, falecida em 14 de Maio de 1864, esposa do Coronel de Milícias, Joaquim Rebelo Trigueiros. Os mesmos doadores que ofereceram o manto

rico, aquando do nascimento de seu filho, o 1º. Conde de Idanha-a-Nova, como atrás referimos.

Mais nos informou que o adereço, em ouro e pérolas, foi oferecido pela Viscondessa do Sardeal, D. Natividade Trigueiros Frazão, em acção de graças pelas melhoras que seu marido obteve numa grave doença e que tal adereço lho havia ele oferecido como prenda de casamento.



51. Laça e colar.
Prata e minas novas.
Meados do séc. XVIII





53. Carro adornado em dia de romaria, meados séc. XX



54. Carros ao redor da Ermida em dia de romaria, década de 1960

4. OS CARROS DE ROMARIA

Ainda não vão longe os tempos em que alguns dos romeiros das freguesias circunvizinhas da ermida, em sinal de festa, engalanavam, com giestas e rosmaninhos, os carros de bois e de muares. O "céu" cobria as romeiras que, sentadas em tropeços ou cadeiras de palha, inspirando o perfume das flores campestres, cantavam, durante o percurso, ao som dos adufes, as mais belas quadras com sabor aos cantares de romaria medievais.

Senhora do Almutão
Já cá vamos ao cruzeiro.
Vamos ver as alegrias
Que vão no vosso terreiro.

Na presente Exposição, numa evocação do costume antigo de engalanar os carros que iam à romaria, pode admirar-se um interessante carro de romaria, apresentado com o devido rigor, graças à arte, à memória visual e carinho de quem o compôs.

O citado carro de romaria pode observar-se perfeitamente integrado na Exposição permanente intitulada: "A Agricultura nos Campos de Idanha".



55. Carro de romaria (instalação). Exposição A Devoção à Senhora do Almutão, CCR, 2007



VIRGEM DO ALMOTÃO



VIRGEM DO ALMOTÃO, Idanha-a-Nova



Muitas felicidades

6. MODOS DE DEVOÇÃO DOMÉSTICA À VIRGEM DO ALMURTÃO

6.1. OS ORATÓRIOS

Senhora do Almortão
Mandai água, que não chove,
Que se secam as searas,
Fica toda a gente pobre.

Nas casas das nossas avós havia sempre um nicho ou pequeno armário envidraçado, um oratório, onde se colocava Jesus Cristo arvorado na Cruz ou a Virgem Maria ou o Santo ou a Santa da devoção. Era o espaço sagrado doméstico, familiar, onde se rezava a Deus, à Virgem e aos Santos, e também se pediam e agradeciam graças alcançadas.

Nesta Exposição, dentro de um dos oratórios, encontra-se uma perfeita e bem pintada Imagem de Nossa Senhora do Almortão de louça que, segundo testemunho do possuidor da mesma, datará dos anos 30 do século que findou. As outras cinco, também colocadas nos respectivos oratórios, são muito mais recentes e são de marfinito. Têm-se multiplicado de maneira assombrosa as reproduções da

Imagem da Virgem do Almortão, particularmente, nos últimos anos.

Entre as muitas cartas que a Confraria vem recebendo dos devotos da Senhora do Almortão, acompanhadas com lembranças para serem observadas na Exposição acima citada, não resistimos em divulgar o rico testemunho de uma devota, Ana Maria da Silva Silveira Nunes Grilo, com profundas raízes idanhenses:

"Sou neta e filha de Idanhenses, tendo eu nascido e vivido sempre em Lisboa e, há oito anos para cá, em Vila Nova de Milfontes.

Sou neta de António Nunes da Cruz e de Antónia da Conceição Silveira Nunes, conhecidos em toda a Idanha por "Ti António e Ti Antónia Papaná", tendo sido grande parte da vida de meus Avós dedicada à feitura daquele que é o símbolo máximo da vila da Idanha, "O ADUFE".

Daí que, até ter a devoção que tenho a Nossa Senhora do Almortão, tenha sido uma coisa natural, uma emoção forte, com que nos habituamos a viver e sentir.

Desde que me conheço como gente, que oiço tocar e cantar horas a fio a Nossa Senhora. Venerar Nossa Senhora é como uma herança; passa de geração em geração e a minha Avó fê-lo e, perdoem-me o orgulho e a vaidade que tenho na minha Avó, de forma tão

intensa e com tão profunda Fé, que era inevitável que a passasse para os seus cinco filhos e, posteriormente, para netos e bisnetos que, GRAÇAS A DEUS, são muitos e, por incrível que pareça, porque nos tempos que correm, as tradições parecem já não fazer parte da vida das pessoas citadinas, porque todos nós vivemos longe da Idanha, mesmo assim, filhos, netos e bisnetos, por altura da Romaria, ninguém lá falta, independentemente dos obstáculos por vezes sentidos, deixamos tudo para trás, porque, temos a certeza que Nossa Senhora nos ajuda a chegar e a estar junto d' ELA. Só faltam os nossos queridos familiares que já não estão entre nós.

Descrevo agora, de um modo particular, a minha veneração e a minha imensa Fé em Nossa Senhora, que tantas Graças me tem concedido. Como já referi atrás, resido actualmente em Milfontes, com meu marido e meus dois filhos que, por força da minha herança e da minha devoção a Nossa Senhora, A veneram também. Daí que, quando adquirimos a nossa casa, mesmo ainda em construção, as primeiras peças de decoração que obtivemos foram dedicadas a Nossa Senhora, mandando pintar à mão três azulejos que estão colados na lareira de nossa casa, cada um com uma dedicatória à Senhora do Almortão, feitas por mim e

com o maior do meu sentimento. É uma das formas de expressar a minha devoção a Nossa Senhora, e digo uma das formas, porque tenho outro canto na minha casa, também dedicado a Nossa Senhora a que eu chamo "o meu altar", também pintado à mão em azulejo, com a "ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DO Almortão".

A Fé é um sentimento muito próprio de cada um, mas a minha devoção a Nossa Senhora, nunca a escondi de ninguém. Estes testemunhos da minha Fé que aqui vos envio e, por razões óbvias, porque estão expostos na minha casa e colados na parede, só poderão ser vistos e admirados pela minha família, pelos meus amigos e por todos aqueles e aquelas que nela entrarem. Deste modo, se acharem que o meu testemunho é válido para a exposição "A DEVOÇÃO À SENHORA DO ALMURTÃO", terei todo o gosto em contribuir.

Envio também uma foto datada de 12-04-1955, que a minha Avó entregou ao meu Pai, aquando da sua partida para Lisboa, quando tinha apenas treze anos de idade, à procura de melhores oportunidades de trabalho.

Esta foto era como se fosse um talismã para o proteger e guardar. Hoje, é a minha grande relíquia e,

como também é referido por pessoas com igual testemunho, é com grande aperto que a envio, com receio de perder de mim tamanho tesouro, agradecendo a devolução da mesma, após a Exposição."

Enquanto este tipo de culto doméstico se verifica no interior das casas, há ainda outra forma de os devotos o exteriorizarem, escolhendo um recanto do jardim da moradia para colocarem um oratório. A fotografia que abaixo se insere revela-nos uma dessas formas. O artista da pintura, em xisto, da imagem de Nossa Senhora do Almurtão e do alindamento de todo o espaço envolvente é obra executada exclusivamente pelo proprietário da moradia.

Muitas das vezes que passamos, junto ao passeio, em frente ao local onde se encontra o artístico oratório de rua, iluminado com luz artificial à noite, encontramos gente anónima, voltada para a Imagem da Virgem do Almurtão, em sinal de recolhimento interior, persignando-se e orando com devoção.

O artista, José António de Almeida Gordinho, ladeirense de gema, também é autor de dois quadros com pintura a óleo sobre tela que se encontram, ali bem próximo, na Igreja do Espírito Santo.



57. Oratório exterior, no jardim de casa particular em Idanha-a-Nova

6.2. OS PAINÉIS DE AZULEJOS NA FRONTARIA DAS RESIDÊNCIAS

De entre os inúmeros painéis de azulejos que se encontram dispersos, na frontaria de residências na Vila, optámos por registar apenas dois que são muito significativos.



58. Painel de azulejos. Fabrica Viúva Lamego. Fachada do restaurante Helana, antiga Fábrica Arraiana. Década de 1950

O proprietário da casa brasonada, José Marrocos da Cunha Pignatelli, sita na Rua de José Silvestre Ribeiro, quando decidira abrir ao lado da mesma, uma fábrica de refrigerantes, denominada, "Arraiana", mandou colocar, na década dos anos cinquenta do século passado, o painel de azulejos com a reprodução da imagem de Nossa Senhora do Almurtão, em corpo inteiro, com fundo de parede de granito. O primoroso painel foi executado na Fábrica Viúva Lamego.

Actualmente, conserva ainda o painel de azulejos e em vez da Fábrica "Arraiana" encontra-se a funcionar um acolhedor Restaurante que atrai refinados amigos de manjares apetecíveis com raízes nas tradições gastronómicas locais.

Na moradia do casal, Florinda de Jesus Pereira Pina Carriço e Francisco Pina Carriço que a mandaram construir, na Rua da Pracinha, para, após a aposentação de ambos, virem morar para a terra que tanto amam e foi berço do cônjuge, Francisco, na frontaria da mesma, encontra-se o outro artístico painel que é assinado, datado e com menção da localidade da execução, Vila Nova de Gaia. "F.G. – 1983 – V.N.G."

Segundo informação dos proprietários da moradia, o painel fora a última obra executada pelo artista Francisco Gonçalves, antes da sua finitude humana. O mesmo havia sido o responsável pela restauração dos painéis de azulejos da estação de caminho de ferro de S. Bento, na cidade do Porto. Mais informaram que, por ser um artista muito



rigoroso, foi necessário enviar-lhe diversas estampas de Nossa Senhora do Almortão para que melhor definisse a posição das mãos com que a Senhora segura o Deus Menino. Acabou por servir de modelo uma das estampas mais antigas que, na altura, conseguiram descobrir em casa de um dos seus familiares.

59. Painel de azulejos. Fachada na R. da Pracinha, Idanha-a-Nova

A Imagem de Nossa Senhora do Almortão

Pol. espontaneamente recebida, em Iguaba-Linha, no seu regresso de Lisboa

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.



A imagem de Nossa Senhora do Almortão, em Iguaba-Linha, no seu regresso de Lisboa.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

Raiano

PELO TEMPO DO CONSELHO DE JUNTA

ROMARIA DE NOSSA SENHORA DO ALMORTÃO - O ESPELHO DA TRADIÇÃO RAIANA



A Romaria de Nossa Senhora do Almortão.

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

ALL NA BAIKA LIBBOWTA BATEMOS A PORTA DA "NOSSA CASA"

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.



A Romaria de Nossa Senhora do Almortão.

Presença Jovem



Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

O.G.E. - PROBLEMAS SOCIAIS 23.840 CONTOS PARA O LAR DE MONSANTO

Na noite de 24 de Maio de 1960, N. S. do Almortão regressou de Lisboa, depois de ter estado em Portugal durante 15 dias. A sua chegada foi recebida com grande entusiasmo e devoção por parte dos habitantes de Iguaba-Linha e arredores. A imagem, que se encontra no templo da Nossa Senhora do Almortão, foi recebida com grande honra e respeito.

RESTAURANTE DIANA

Restaurante Diana, situado na Rua da Liberdade, 100, em Iguaba-Linha. Tel. 100.000.

Domingo de Páscoa, o primeiro dia da semana santa, é o dia em que se comemora a ressurreição de Jesus Cristo. Este dia é marcado por uma série de celebrações, incluindo a leitura da Bíblia e o canto de cânticos.

Em 1976, a Igreja Católica celebrou o Domingo de Páscoa em 14 de junho. Este dia é marcado por uma série de celebrações, incluindo a leitura da Bíblia e o canto de cânticos.

UM ROSTO DE SEXTA-FEIRA DOCEIRA

A imagem retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Uma santa milagreira

A imagem retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

A imagem retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.



Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.

SENHORA DO ALMORTÃO RAINHA DA BEIRA BAIXA

Dentro do dia há todo o calendário de São João e sua festividade natalícia.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.



Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.



Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Esta é a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces. É uma tradição popular onde se fazem doces e se cantam cânticos.

Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.



A imagem retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.



Uma imagem que retrata a festa de São João, conhecida como Sexta-Feira do Doces.



A Romaria de N.ª Sr.ª do Almortão foi uma grande festa

Trabalhando de madrugada, chegaram às sete horas, antes do início, com um tempo bom, com sol e a temperatura ainda alguma de frio, mas o espírito de festa já estava presente em todos os participantes. Com o tempo bom, a romaria foi muito agradável, com muita música e dança, e a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.

Logo foi o início de uma grande festa, com muita música e dança, e a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.



Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.

Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.



Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.

Não há Senhora mais linda Do que é a do Almortão Ao lado do Coração!



Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.



Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.

Raiano de terra em terra Os caloiros da ESGIN em romagem à Senhora do Almortão



Se calarem, não falam, significa a presença de mais pessoas.

Aqui se aprende a gostar da Senhora do Almortão.

DANÇA A NOVA De século para século, até ao 3.º milénio

Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.



Surpreendem após anos, o novo modo de vestir a mulher.

FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO

Deseja a todos os seus clientes e amigos

PÉROLA DO MAR

PREZABOAS E AGRADECE A PREFERÊNCIA QUE LHE TEM DADO

Rua do Castelo Velho, nº 38, GARÇA-MOVA, Telef. 277020125

Logo após, houve um bom momento com a presença de todos os habitantes de Raiano, com a presença de muitos visitantes de outros municípios, como foi o caso de N.ª Sr.ª do Almortão.

8. POEMAS VÁRIOS DEDICADOS A NOSSA SENHORA DO ALMURTÃO

Alguns dos poemas, emoldurados em quadros, por dádiva dos devotos são pertença da Confraria. Outros foram entregues para serem apreciados na Exposição, mas porque não foi possível apresentá-los na mesma, por falta de espaço, aqui ficam registados para a posteridade.

“Senhora do Almurtão,
minha tão linda arraiana,
vira as costas a Castela,
não queiras ser castelhana!”

(Ouvida em Idanha-a-Nova,
Em 17. XI. 84, cantada pelo Povo)

Senhora, minha Senhora
do Almurtão, tão amada,
deixa beijar-te e tocar-te
este povo que namoras

e te canta enquanto coras
na tua face rosada,
com teu sorriso e recato
de mulher e de Senhora.

És portuguesa, arraiana,
Nunca serás castelhana.

José Augusto Seabra

SENHORA MÃE DO ALMURTÃO

I

Vosso Santuário é o destino
numa viagem – que não cansa
trazem lembranças ao Menino
da Senhora Mãe levam esperança.

II

Quanta emoção quanta alegria
Senhora Mãe – deveis sentir
tantos filhos – na romaria
uns a chegar outros a partir.

III

Todos querem estar presentes
na vossa linda – procissão
lembrados são todos os ausentes
nos momentos cultos da oração.

IV

Lindo vai – o vosso andor
com belos ramos de oliveira
enfeitado – com muito amor
pelas gentes da Zebreira.

V

De Nossa Senhora da Piedade
trazem os romeiros em mão
um grande abraço de saudade
à Senhora Mãe do Almurtão.

VI

Fica pequena – vossa Capela
quando os romeiros vão cantar
vossa Imagem fica mais bela
muito perto do – vosso altar.

VII

Com um sentimento profundo
nós vos pedimos com devoção
que acabe a guerra no mundo
Senhora Mãe do Almurtão.

Poema de 2007, Luís S. R. Salgueiro

Ó VIRGEM DO ALMURTÃO

Sempre que venho à Idanha,
sempre Te vou ver, Senhora,
se não Te vejo à chegada,
vejo-te quando vou embora.

Não sei se é por saudade,
ou se será por desejo,
sei que, se não Te vejo,
de Te ver, fica a vontade.

Ó minha Nossa Senhora,
Mãe de Jesus, Senhora minha,
da casa onde eu moro,
eu vejo a Tua morada,
lá no meio da campina,
numa casa caleada.

Na campina da Idanha,
foste há séculos encontrada,
por um pequeno pastor,
diz a lenda que é contada,
com ternura e muito amor,
ó linda Rainha raiana,
és pelo povo adorada.

Quando Te olho, Senhora,
em Teu rosto vejo o meu,
se o meu olhar está triste,
bem mais triste fica o Teu.

Tu ouves os meus lamentos,
com grande cumplicidade,
sabes os meus pensamentos,
e, também, minhas vontades.

Quando eu Te peço perdão,
p`los pecados cometidos,
Tu dás-me toda a atenção,
e além de me dares perdão,
pões alerta meus sentidos,
que me encham de emoção.

Quando rezo uma oração,
às vezes rezo a chorar,
e com grande devoção,
também Te rezo a cantar,
cantar, também, é rezar,
se o canto vem do coração.

É na hora da despedida,
que a tristeza me invade,
pois na hora da partida,

começa, logo, a saudade,
e se a saudade é sentida,
num olhar de despedida,
há, sempre, cumplicidade.

Quando Te deixo Senhora,
ó Virgem do Almutão,
é certo que vou embora,
mas levo-Te no coração.

Estás longe e mesmo assim,
esquecer-Te não tem jeito,
pois moras dentro de mim,
moras dentro do meu peito,
ó Virgem do Almutão,
moras no meu coração.

2005, João Cordeiro

LENDA DA SENHORA DO ALMURTÃO

Em tempo que já passou,
lá bem perto de Espanha,
um pastorinho encontrou,
em plena campina da Idanha,
numa murteira escondida,
uma linda bonequinha,
toda de pedra esculpida.

Gostou tanto, tanto dela,
que no sarrão a guardou,
e por achá-la tão bela,
p´rá sua casa a levou.

P´ra sua mãe a mostrar,
e contar-lhe o sucedido,
mas quando a foi procurar,
havia desaparecido.

E logo no dia a seguir,
foi o gado apascentar,
sem pensar para onde ir,
viu-se no mesmo lugar.
Logo a mesma moita o atraiu,
e foi tão grande o seu espanto,
quando a linda bonequinha viu,

que lhe sorriu com encanto.
E voltou a acontecer,
o que antes ocorria,
a linda bonequinha,
que na moita encontrava
e que no sarrão metia,
p'ra sua casa a levava,
mas quando a procurava,
ela já lá não estava
e sua mãe nunca a via.

Face a tal repetição,
de caso tão singular,
resolveram partilhar,
com família e vizinhos,
chegando à conclusão,
que a linda bonequinha,
era a Senhora do Almutão,
e queria a sua morada,
onde fora encontrada,
naquele Sagrado Chão.

A notícia propagou-se,
por toda a região Beirã,
o sucedido comentou-se,
entre gente crente e cristã.

Por isso não é de estranhar,
que o povo, com fé, aceitar,
que era a Mãe de Jesus,
que morreu por nós na cruz.

E tornou-se, com o tempo,
Mãe, cúmplice e protectora,
não nos sai do pensamento,
a Virgem Nossa Senhora.

2005, João Cordeiro

SENHORA DO ALMURTÃO

GUARDIÃ DAS GENTES RAIANAS

Senhora do Almutão,
Teu nome perde-se no tempo,
Mas não se perdeu a fé,
Nem se perdeu o sentimento,
Deste povo, que Te traz no coração.

Sempre foste a Mãe protectora,
Das humildes gentes das Idanhas,
Gentes corajosas e sofredoras,
De olhar perdido nas campanhas.

Senhora do Almutão,
Tens ao colo o teu Menino,
Em jeito de oferenda,
Estás no nosso coração,
Com teu menino, tão lindo
E tua postura serena.

Já não és a bonequinha,
Na murteira encontrada,
Tua fama passou fronteiras,
Vêm gentes forasteiras,
P'ra conhecer tua morada,
No coração da Campina.

Vêm muitos peregrinos,
P'ra tua linda Romaria,
Percorrem, a pé, os caminhos,
P'ra te ver, Virgem Maria.

2007, João Cordeiro

O CRUZEIRO DA SENHORA DO ALMURTÃO

*Senhora do Almurtão
Já cá vamos ao cruzeiro
Vamos ver as alegrias
Que vão no vosso terreiro.*

Esbelto harmonioso
Musgoso aprumado
Todo todo boleado
Despido de Cristo arvorado
Janela aberta de par em par
Noite e dia ao rigor do tempo
Mira protege serenamente
Como anjo tocheiro
A Mãe do Deus Menino
Posta em sossego milenar
Em altar dos deuses.
Arraianos invocam ao rezar
Em nome arcaico da moirama
Virgem do Almurtão.

Ao viajante
Do ontem do hoje do amanhã
Sedento de paz harmonia
Que em si poussa o olhar



60. Cruzeiro no caminho da Ermida

A entrar é convidado
Na casa caleada da Virgem Mãe.
Seu Filho Menino Amado
Oferece em segredo abençoado.

Esbelto harmonioso
Musgoso aprumado
Todo todo boleado
Despido de Cristo arvorado
Janela aberta de par em par
Por cima da frondosa
Copa das azinheiras
Mira serenamente
A multissecular Vila da Idanha
Altaneira e harmoniosa
De casario a branquejar
Meia cercada de sobreiral
Dona de tradições sem igual.

Esbelto harmonioso
Musgoso aprumado
Todo todo boleado
Despido de Cristo arvorado
Onde a velha vai peneirar (1)
Janela aberta de par em par
Não há outro a comparar.

Idanha-a-Nova, 2010-07-19, António Silveira Catana

(1) Era tradição os rapazes mais velhos dizerem aos mais novos que aproximassem a cabeça à coluna do cruzeiro, para se ouvir uma velha a peneirar ou a tocar a sineta, mas no momento em que íamos a encostar o ouvido, batiam-nos na cabeça com tal força que até víamos estrelas...

SENHORA DE IDANHA-A-NOVA

Senhora do Almutão,
oh dona de Idanha-a-Nova!
Vosso escravo quero ser
desde o berço até à cova!

Senhora do Almutão,
dizei-me cá um segredo:
se o meu amor me não quer,
se foge de mim com medo...
Senhora do Almutão,
pedi ao Vosso Menino:
que entre eu no coração,
de quem está no meu destino!

Senhora do Almutão,
da Idanha a Padroeira:
emprestei o coração,
não mo deram na Zebreira...

Senhora do Almutão,
rosa branca de veludo:
tanto quanto se vos peça,
Vós senhora, fazeis tudo.

Senhora do Almutão,
oh que Senhora tão bela!
Por nós Vosso coração
faz sino da capela!...

Senhora do Almutão,
quem me dera, agora sempre,
ter no meio do coração
Quem trouxestes, Vós, no ventre!

José Alberto Boavida
In "Açafate de Canela – Poemas"

A PADROEIRA

Tinhas uma face bondosa,
bem me lembro,
e um raminho
de rosmaninho na mão...
Tão azul era o Teu manto,
o Teu manto azul e branco!
Na coroa havia uma rosa;
e na capela a um canto,
havia um ninho
de pintarroxo poltrão...

Só ele ficou sozinho
ao findar a romaria,
quando a poeira baixou
e os adufes se calaram;
junto ao Senhor São Romão
capitão da mouraria,
que sorria,
por ironia,
do medo que lhe causaram
os foguetes do arraial...

E Aquela que tudo perdoa
até a que mais A ofende,
ouviu o trinar à toa
e disse baixinho:
"Oxalá nunca se emende!"

José Alberto Boavida
In "Açafate de Canela – Poemas"

AGRADECIMENTOS

Adelino Américo Lourenço, P^e
Alexandre Martins Gaspar
Alice de Jesus Barreira Ribeiro Mateus
Alice Lopes de Sousa Louro
Ana Maria Silva Silveira Nunes Grilo
Antónia da Ressurreição Morais Vinagre Capelo
António Folgado Capelo
António Joaquim Inácio
António José Victório Araújo
António Maria Romeiro Carvalho
Aprígio Leão de Meireles
Augusto Lopes Jóia de Brito
Benjamim Enes Pereira
Bernarda Lopes Lourenço
Daniela Carvalho Faria
Eduardo Grilo
Emília da Conceição Beato
Francisco Pina Carriço
Frederico Vinagre
Isabel Marques Morais
Jerónimo de Portugal Trigueiros de Aragão
João António Sousa
João Baptista

João Cordeiro
João Duarte Pires
João José Roseiro
Joaquim Nunes Morão
José Alexandre Borges Monteiro
José António Couchinho Batista
José António de Almeida Gordinho
José Luís Gil Cristóvão
José Maria Lopes Capelo
José Pereira Alves
Josefa Capelo
Luís Filipe Geraldês de Mascarenhas Esteves de Sousa
Luís S. R. Salgueiro
Manuel Cabral Pinheiro
Manuel Couchinho Baptista
Manuel da Silva Castelo Branco
Maria Adelaide Neto Salvado
Maria Angélica do Espírito Santo Rocha Araújo
Maria Augusta Morão
Maria da Conceição Coutinho
Maria da Conceição Sousa Silveira
Maria da Encarnação Matos Silva Fernandes
Maria da Graça Borges Monteiro
Maria de Jesus Correia
Maria de Jesus Creado

Maria Leonor da Silva Couchinho Raposo
Maria da Luz Longo
Maria de Fátima Silveira Catana
Maria do Almortão Lopes Fernandes Pereira Alves
Maria do Carmo Ramos Prata
Maria dos Anjos Nunes
Maria Isabel de Melo Ferreira Pinto
Maria Isabel Trigueiros Osório Aragão Martel
Maria Leonor Geraldese Seabra de Mascarenhas
Maria Lopes Presado
Maria Manuela Antunes Domingues Silveira Catana
Maria Manuela Pinheiro Manzarra
Maria Paula de Matos Gouveia Lopes Dias Leão de Meireles
Maria Rita Santos Nunes
Maria Salette Roseiro Crespo
Maria Salomé Lopes de Brito
Noémia Luísa Martins Coelho Lourenço Jóia
Nuno José Morais Capelo
Raul Beato dos Santos
Victor Manuel de Jesus Mascarenhas
Zélia Cunha Duarte Cordeiro

Confraria de Nossa Senhora do Almortão
"Açoreana" – Sérgio Folgado – Idanha-a-Nova
Casa do Concelho de Idanha-a-Nova – Lisboa
Arquivo Municipal de Idanha-a-Nova



60. Lembrança da romaria. Figurado popular.
Barro cozido e pintado.

FICHA TÉCNICA

2ª EDIÇÃO

Edição: 1ª Edição
Município de Idanha-a-Nova 2007, 500 exemplares
2ª Edição
2014, 2 000 exemplares

Comissariado:
António Silveira Catana

Impressão:

Textos:
António Silveira Catana e
Paulo Longo (descrição de peças)

Depósito Legal:

Museografia:
Paulo Longo e Joana Rossa

ISBN
978-972-8285-40-1

Fotografia:
Valter Vinagre, Benjamim Pereira,
Eduardo Grilo, José Cruz e outros

Conservação e Restauro:
Ana Isabel Poças, Maria Galante e Adalgisa Dias

Design Gráfico:
cristinafatela@gmail.com



CONFRARIA DE NOSSA
SENHORA DO ALMORTÃO







2ª Edição
Livro | DVD